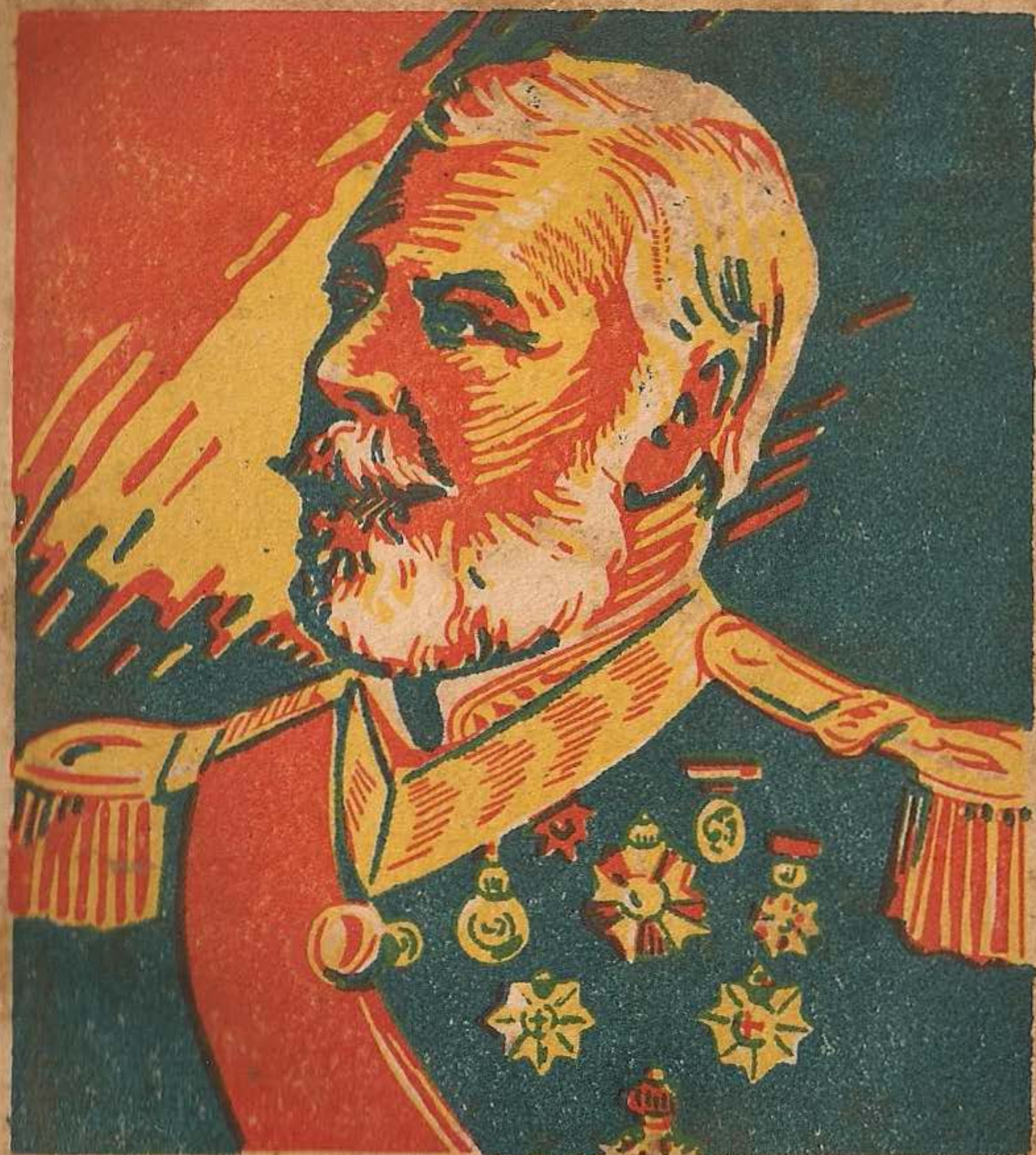


GUSTAVO BARROSO



O S O R I O

O

CENTAURO DOS PAMPAS

EDITORA GUANABARA

Sylvio de Campos Mello

OSORIO

o

CENTAURO DOS PAMPAS

S. Paulo, maio de 1934

GUSTAVO BARROSO

DA ACADEMIA BRASILEIRA

OSORIO

O

CENTAURO DOS PAMPAS

EDITORIA GUANABARA
WAISSMAN KOOGAN, LTDA.
RUA DOS OURIVES, 95

Os 51 LIVROS de Gustavo Barroso

Sociologia sertaneja:

1 — Terra de sol. 2 — Heróis e bandidos. 3 — Almas de lama e de aço.

Contos e novelas regionais:

4 — Praias e várzeas. 5 — Mosquita muerta. 6 — Mula sem cabeça. 7 — Alma sertaneja. 8 — Mapirunga.

Contos e novelas:

9 — A ronda dos séculos. 10 — Pergaminhos. 11 — Antes do bolschevismo. 12 — En el tiempo de los zares. 13 — Livro dos milagres. 14 — O bracelete de safiras.

Romances:

15 — Tição do inferno. 16 — A senhora de Pangim. 17 — O santo do Brejo.

Historia:

18 — Tradições militares. 19 — Uniformes do Exército. 20 — Catalogo geral do Museu Historico. 21 — O Brasil em face do Prata.

Literatura infantil:

22 — O anel das maravilhas. 23 — Apólogos orientais.

Ensaaios:

24 — A balata. 25 — Idéas e palavras. 26 — Coração da Europa. 27 — Inteligencia das cousas. 28 — Discurso de recepção. 29 — A ortografia oficial. 30 — Inscrições primitivas no interior do Brasil.

Folclore:

31 — Ao som da viola. 32 — Casa de maribondos. 33 — O sertão e o mundo. 34 — Através dos folclores. 35 — Mythes, contes et légendes des indiens du Brésil. 36 — As colunas do templo.

Traduções:

37 — Fausto. 38 — Tratado de paz. 39 — Comedias e proverbios. 40 — O Bosque Encantado.

Viagens:

41 — O ramo de oliveira.

Literatura didatica:

42 — Lições de moral. 43 — Vocabulario das crianças.

Literatura historica:

44 — A guerra do Lopez. 45 — A guerra do Flores. 46 — A guerra do Rosas. 47 — A guerra do Vidéu. 48 — A guerra de Artigas.

Erudição:

49 — Aquem da Atlantida. 50 — Luz e pó.

Biografia:

51 — Osorio — o centauro dos pampas.

DO BATISMO DE AGUA AO BATISMO DE FOGO

Cincoenta e oito anos antes da batalha de Tuiuti, no dia 24 de maio de 1808, batizava-se na igrejinha da vila de Nossa Senhora da Conceição do Arroio, na divisa da antiga provincia de S. Pedro do Sul com a de Santa Catarina, o menino Manuel Luiz Osorio, que nascera a 10 do mesmo mês.

Governava a Capitania Geral do Rio Grande, creada por carta regia de 1807, D. Diogo de Souza, futuro invasor do Uruguai. A população era escassa, a instrucção nula, a justiça difficil e bruta, e o meio atrazadissimo. Só a natureza era bela e pujante, e o patriotismo do habitante, grande e esforçado. A natureza, mixto de magnificencia e graça, gabara-a Nicoláu Dreys. O patriotismo se creara e acrisolara nas lutas contra as missões guaranis e contra a ousadia dos invasores castelhanos de Vertiz e de Zeballos. No seio das

matas e serras do norte ou dos vastos pampas do sul, varridos de minuãos, ensopados de sol ou de luar, o homem, a pé e a cavalo, de espingarda ou de lança, acostumara-se a esperar o inimigo espanhol. Largava o machado de lenhador, a enxada de roceiro ou o ferro ainda quente de marcar o gado para correr às armas e repelir o vizinho que disputava à expansão brasileira o caminho forçado até seus limites naturais.

A criança que recebera o sacramento do batismo naquêlê dia de maio, que o destino lhe reservava para a sagração definitiva da gloria no campo de batalha, cresceu livremente, sadia e vivaz, na simplicidade da estancia paterna até que o puseram a estudar as primeiras letras com o sapateiro catarinense Miguel Alves, que, para dar sustento á prole numerosa, manejava alternadamente a férula e a sodela.

Era o menino Manuel Luiz esperto e original nas suas traquinadas. Nenhum prazer maior, porém, do que ouvir, mudo e religiosamente atento, as conversas da gente graúda. Sobretudo as de seu pai, quando se referia às campanhas em que tomara parte. Depois do jantar, reunida a familia na sala

singela e confortavel da estancia, enquanto os cães e a ventania uivavam lá fóra, êle pedia ao progenitor que repetisse a narração dum dos episodios que lhe haviam impressionado o espirito.

O pai, (*) que orçava pelos quarenta anos, cofiava sorridente a barba já prateada em alguns fios, sorria e recordava o tempo em que assentára praça, suas promoções a cabo e a forriel, a vida aventureira das marchas e acampamentos, os combates contra os indios Minuanos e Charrúas, na invasão do Uruguai, num dos quais fôra ferido a lança, o que lhe valera uma medalha e a promoção a capitão.

Porém, a historia de que mais se agradava o menino era a da deserção, do pai, quando forriel. Com a sua voz forte e vagarosa, êste dizia assim:

— Uma vez, quando eu servia no regimento da ilha de Santa Catarina, um pobre soldado da minha companhia errou varias vezes no exercicio. Furioso, o capitão avançou para êle, insultou-o e, segurando-o com

(*) Tinha os mesmos prenomes que o filho: Manuel Luiz e o seu nome de familia era da Silva Borges.

a mão esquerda pela gola da farda, começou a esmurrar-lhe a cara com os copos da espada. O sangue esguichava e o desgraçado pedia: "Pelo amor de Deus, não me mate, senhor capitão!" Não me contive e, dando um passo á frente, intervim: "Senhor capitão, contenha-se por favor! O senhor já o castigou bastante". O capitão voltou-se para mim como uma féra: "Cão! recolha-se á fileira! exclamou." E acutilou-me com a espada. . .

O menino ficava meio levantado no seu tamborete, querendo acompanhar com os movimentos do corpo a narração paterna que o empolgava tanto que já lhe não bastavam ouvidos para ouvir e olhos para vêr.

— Acutilou-me com a espada. Rebatí o golpe com a minha alabarda de oficial inferior. Fui preso é devia ser terrivelmente castigado. A disciplina no meu tempo não era de brincadeira. Durante uma noite de muita chuva e trovoada, consegui fugir da prisão, auxiliado pelo pobre soldado que havia defendido, e, rompendo mil dificuldades, vim parar na capitania de S. Pedro. Todo esfarrapado, a morrer de fome e sede, cheguei a esta freguesia de Nossa Senhora da Con-

ceição do Arroio e bati por acaso á porta da estancia do Tenente Tomás José Luiz Osorio. Agasalhou-me e fez-me seu peão. Foi aqui que conheci sua mãe, meu filho, e com ela me casei, apesar da terrivel opposição de sua madrinha, a ricaça d. Quiteria de Barros. O tenente Tomás José Luiz Osorio é seu avô materno. Eu soube pagar-lhe com gratidão e carinho a divida do desertor que recebera, e passei de seu peão a seu genro.

D. Ana Joaquina Luiza Osorio levantava sorridente os olhos de sua costura. Os irmãos do pequeno Manuel Luiz coxilavam pelos cantos da quadra mal iluminada.

— E' hora de deitar as crianças! dizia.

Mas o menino, ávido de narrativas, implorava:

— Papai, conte a batalha com os indios Minuanos!

O capitão Manuel Luis passava-lhe a mão lentamente pela cabeça alourada:

— Amanhã, filhinho. Hoje já está tarde e é hora de dormir.

E, voltando-se para a mulher:

— Ana, êste menino ainda ha de ser soldado!

“Da escola do sapateiro Miguel Alves — escreve Fernando Osorio — pouca instrução recolheu o menino Osorio; em primeiro lugar, porque o sapateiro sabia pouco; era mais perito em sapatos do que em letras; em segundo lugar, porque as travessuras, que de 1816 em diante começou a desenvolver, não lhe deixaram muito tempo para estudar. Até dez anos fez artes de endiabrado.”

Organizava batalhões com os garotos de sua idade e comandava na praça da vila ou nos arredores verdadeiras batalhas campais, em que os calháus figuravam as balas e os páus, sabres, lanças e baionetas. E entrava pela casa adentro rasgado, sujo, arranhado, com talhos nas mãos e galos na cabeça, apregoando vitórias.

Acordava como um passarinho, ao primeiro rubor da aurora, cantando, fazendo barulho, despertando peões e escravos. Metia-se em tudo. Convencia um carreteiro de que podia atravessar uma torrente, num momento de temporal, com o seu carro cheio de tábuas, e o aguaceiro submergia as juntas de bois e arrebatava o carregamento sobre o qual êle se achava. Escapava por milagre. Quebrava todos os ovos da despensa, na faina de imitar

a mãe ao fazer pão de ló. Arrancava a mandioca de metade duma roça, inutilizando-a porque via o pai proceder áquêle trabalho noutra e entendia seguir-lhe o exemplo. Deramava ou queimava as comidas, na ausencia da cozinheira, pensando ser capaz de preparar quitutes.

Aos quatorze anos, educado na vida livre do campo, nadava como um peixe e atirava como um velho caçador. Manejava destremente boleadeiras e laços, pialando e rodando os potros bravos, que montava ensilhados ou em pêlo. As proezas de gineta e estardiota dos pampas lhe eram todas familiares. Depois de montado, tirava com as próprias mãos os freios ao bagual e fazia-o disparar, abandonando-o de um salto, quando lhe parecia, e caindo em pé. Adquiriu notavel robustez fisica, denodo, nervos dominados e músculos rijos. Era um verdadeiro centauro que se formava. Entretanto, sabia apenas lêr, escrever e as quatro operações.

De 1816 a 1821, o pai vivia ausente da estancia, combatendo no Uruguai contra Artigas. Ao primeiro clarão do dia 4 de janeiro de 1817, antes do toque de alvorada, estando á vanguarda do acampamento do Exer-

cito Brasileiro, acordou e ajoelhou-se para rezar, segundo seu costume. Ao fazer o pelo-sinal, divisou nas névoas do horizonte vultos apagados de cavaleiros. Tirou a pistola do cinto, engatilhou-a e disparou um tiro para o ar. Alarmadas, as tropas correm ás armas. Os orientais vinham atacar-nos de surpresa e travou-se a batalha de Catalan, em que a nossa vitória custou a vida de muitos bravos e tres cavalos ao capitão Manuel Luiz da Silva Borges. Dois dias mais tarde era promovido a major...

Depois da incorporação, em 31 de julho de 1821, da Banda Oriental ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, sob o nome de Estado Oriental, o major Manuel Luiz, residindo no Salto como comandante da guarnição á linha do Uruguai, mandou a Conceição do Arroio buscar sua família.

Chegando ali, o menino Osorio teve de interromper a existencia livre e aventureira que levava, unica que, em verdade, fórma os grandes homens de ação, para frequentar a escola particular de primeiras letras do capitão de dragões Domingos José de Almeida. Mal ia tomando gosto pelos livros, resôa nos pampas novamente o clarim guerreiro. A

Independencia proclamada por D. Pedro I encontrava óbices em parte das guarnições portuguezas no Brasil, sobretudo no Maranhão, na Bahia e em Montevideo. Aí, o ajudante general D. Alvaro da Costa de Souza e Macedo rebelava-se contra o ato de adesão de seu chefe, o general Lecôr, e recusava entregar a praça, pondo-se á frente dos veteranos da divisão lusitana estacionada naquela capital. Lecôr, retirado na Campanha, pediu auxilios ao Governo da vizinha provincia de S. Pedro e ao Governo Imperial, tratando, ao mesmo tempo, de organizar seu exercito. O pai de Osorio, então tenente-coronel de milicias ou 2.^a linha, foi um dos primeiros a atender ao chamamento do futuro visconde da Laguna.

— Desta vez — disse ao fazer os preparativos de partida — levo o Manuel Luiz comigo.

Osorio começou a chorar. Não queria ser soldado. Desejava continuar os estudos. O convivio dos livros prendera-lhe a intelligencia e esbatera os entuziasmos militares da primeira infancia. O pai não procurou forçá-lo, mas sim convencê-lo. Era impossivel estudar e ilustrar-se num meio agitado e onde

faltava o principal: mestres. No momento, nenhuma profissão mais nobre, mais segura, mais vantajosa do que a das armas. Ainda mais gloriosa a tornava naquelas partes do Sul o fato de sempre se batêrem os gaúchos impávidos pela liberdade e pela integridade da patria.

— Ha muito tempo, meu filho, disse, observo tua vida e teus gostos, e tudo me indica que nasceste predestinado á carreira das armas.

E concluiu:

— Assim, pois, acho que deves assentar praça. Pouco falta para completares quinze anos e, enquanto não atingires a idade legal, andarás junto a mim, vendo, aprendendo e adquirindo os habitos dessa vida que ha de ser a tua.

Era o conceito de Anibal em face da filosofia de Formião sobre a famigerada disciplina militar prestante, que se não aprende na fantasia, mas na pratica.

Osorio ouvira-o com respeitoso silencio, refletindo, impressionado com as palavras do pai. De repente, seu rosto demonstrou a

transformação que se operava em seu espirito e, mirando o veterano com aprumo, decidiu-se:

— Serei soldado, meu pai!

O destino tomou desde êsse momento conta dêle. Emfim, um dia as milicias imperiais se puseram em marcha, do Salto para o cêrco de Montevidéu, pelo tapete sem fim dos pampas verdes. A' suave brisa da manhã adejavam os adeuses das bandeiras dos lanceiros. O trote dos cavalos resoava afôfado no ervaçal. E, á testa dos esquadrões, á frente do velho regimento miliciano, ao lado do coronel espigado no alto e forte malacara, o menino acompanhando-o, montado no seu árdego zaino.

São longas as jornadas e duros os caminhos, a fome ás vezes crava seus dentes nos estômagos, ás vezes a sêde aperta as gargantas empoeiradas, e o cansaço das marchas e contramarchas cava sulcos nos rostos energicos dos cavalarianos. O menino tudo suporta com uma alegria estoica e uma serenidade de veterano. O pai continua a educá-lo naquella prática preconizada na estrofe camoneana. Prática de trabalho e sofrimento. Nas horas vagas, decora ou copia trechos

escolhidos e lê as ordens do dia, as leis e proclamações militares.

Os velhos soldados contam-lhe suas proezas nas campanhas a que os leváram D. Diogo de Sousa e o general Curado. Em troca, êle lhes recita os pedaços de história que sabe de cór. Os oficiais o festejam. E, às vezes, o general em chefe pára deante da sua figura robusta e gentil. Osorio córa e estremece sob o olhar olimpico do velho cabo de guerra, que lhe parece um marechal de Napoleão exilado na America. Nos punhos, na góla, nas abas, nas costuras, nas oito carcelas de cada lado do peito florescem, bordados a ouro, fôlhas, brôtos, pinhas de carvalho, simbolo da força. Sangra-lhe ao pescoço o fitão da comenda de Cristo e o vento brinca no chorão de penas brancas que corôa o alto bicornio de epopéa. Um sorriso nos labios e a mão que se estende e afaga o rosto do adolescente, como o passado que acaricia o futuro; — Serás um bom soldado!

E'poca de heroismo e força, propria para temperar almas de heróis. Em torno do menino, vive e palpita a gloria das legiões e dos caudilhos que levaram ao Prata as nossas fronteiras — últimos e hoje quasi esqueci-

dos bandeirantes da nossa formidável expansão territorial. Passa ainda no ar como que o frémito de asas dos seus ponchos e reluzem ainda á soalheira do pampa uruguaio as laminas de suas espadas invencíveis e as choupas de suas lanças vitoriosas. Um soldado foi lanceiro de Chagas Santos, o assolador das Missões Orientais. Outro serviu a João de Deus Mena Barreto, primeiro visconde de S. Gabriel. Ainda ha nas fileiras *barrigas-verdes* do famigerado regimento de Santa Catarina, que Machado Bittencourt levava á vitória, e paulistas da illustre Legião com que o velho Silva Brandão batia a toque de caixa os artiguenhos. Êste sargento fez parte dos dragões de Lunarejo da brigada de Sebastião Barreto Pereira Pinto, êsse cabo foi dos terríveis granadeiros de Moura Lacerda e aquêlê anspessada era caçador a cavalo sob o comando de Manuel Marques de Souza, pai do futuro conde de Porto Alegre.

Nêsse ano de 1823, todas as forças do Imperio nascente convergem sobre Montevideu. Bloquêa-a por mar a divisão naval de Pedro Antonio Nunes. Sitiam-na por terra as forças brasileiras de Marques de Souza, Sebastião Barreto e José de Abreu, e as orien-

tais de Fructuoso Rivera. Os portuguezes encerrados na praça são veteranos naquelas mesmas lutas em que os sitiantez estiveram empenhados anos antes sob a bandeira do Brasil-Reino. Aos ouvidos dêles resôam com o mesmo efeito que aos nossos os nomes de India Muerta, Taquarembó e Catalán. E muitos ainda são dos que estiveram no Busaco e em Salamanca, frente a frente com os soldados de Napoleão.

Não se fére nenhuma batalha em que se choquem em pêso os vencedores de Artigas, então divididos. Guerrilhas quasi todos os dias. Uma ou outra escaramuça mais forte como as de Puntas de Toledo ou Piedras.

Faltavam dez dias para que Osorio completasse quinze anos e pudesse assentar praça. O general Lecôr dispensou-os por uma licença especial e, a 1.º de maio de 1823, o filho do coronel Silva Borges alistava-se no Exercito Imperial, como voluntario na cavalaria da Legião de S. Paulo. Dias mais tarde, no arroio Miguelete, fazendo parte duma patrulha esclarecedora, tópa um troço de cavalaria portugueza que andava forrageando. O lugar é coberto e não permite o entrevero a arma branca. Os homens trocam por trás dos

troncos tiros de clavina de chispa. Uma bala derruba morto o soldado que cavalga ao lado do rapaz e, depois de tê-lo atravessado, bate na cabeça da propria montaria do joven, já sem força, caindo fria a seus pés.

Assim o batizou o fogo dos combates.

Em novembro de 1823, o general português, embarcava para Lisbôa. Em fevereiro de 1824, Lecôr instalava-se novamente na capital uruguaia. Em outubro do mesmo ano, Osorio punha nos braços as estrelas de 1.º cadete e na vespera de Natal, aos ombros, as charlateiras de alferes, desligado da Legião de S. Paulo e classificado na 2.º companhia do 3.º regimento de cavalaria de linha, sob o comando do tenente coronel Tomás José da Silva. Contava, de idade, dezeseis anos, seis meses e vinte e um dias.

Quis voltar aos estudos e requereu ao Governo licença para cursar o instituto militar de ensino da época. Foi-lhe negada por ser imminente nova guerra no Sul. Então, apresentando-se ao seu velho amigo, o general Lecôr, fez-lhe êste pedido.

— Desejo marchar no primeiro contingente que avançar contra o inimigo. O sr. general poderá atender-me?

— Com o maior prazer, respondeu o velho soldado, sorrindo.

A LANÇA DE BENTO MANUEL

Máu grado só ter dado a dominação brasileira ao Uruguai tranquilidade e riqueza, embora todos os esforços feitos para cimentar a conquista na simpatia do povo, respeitando-se direitos e usos, segundo reconhece o proprio Zorrilla de San Martin, a alma nacional ansiava pela independencia. E o ciúme argentino assoprava a revolta.

Trinta e tres orientais emigrados em Buenos Aires resolveram levantar seu país contra o Imperio. A 25 de abril de 1825, desembarcam na Agraciada, na Canada de Gutierrez, á margem esquerda do Uruguai. Protegia-os veladamente o Governo das Provincias Unidas do Prata e chefiava-os João Antonio Lavalleja, que proclamava aos quatro ventos: "Trema o despota do Brasil de nossa justa vingança!"

Reacendeu-se a guerra nos campos da antiga Vacaria do Mar. Os gaúchos orientais largavam a enxada de lavrador e o laço de campeiro, armavam-se e iam, aos bandos, engrossar a hoste libertadora. Já era um pequeno exercito quando atacou e abateu os esquadrões de Julianio Laguna, caudilho oriental ao serviço do Brasil. A' margem do Manzón, outro caudilho a nosso soldo, Fructuoso Rivera, antigo comandante do regimento brasileiro dos dragões da União, brigadeiro do nosso Exercito, passava-se para o chefe invasor, seu compadre e antigo subordinado. Mas, antes de despir o uniforme imperial, dêle se aproveitava para trair e aprisionar o coronel Borba e o seu corpo de milicianos paulistas, em São José.

Em 27 de maio, Lavalleja convocava o povo oriental para eleger os representantes que deveriam constituir o governo provisorio, que, em 14 de junho, se instalava em Florida. A 25 de agosto, a Assembléa Revolucionaria declarava irritos, nulos e dissolvidos para sempre todos os actos de incorporação ao Imperio, e a união ás demais provincias do Prata.

A guerra propagou-se pelas coxilhas uruguaiaias. Rivera, batido por Bento Manuel refugiou-se e se refez no Perdido, para marchar sobre o Rincão das Galinhas onde estavam as cavalcadas do general José de Abreu. Ali, emboscado, surpreendeu o 24º e o 25º regimentos de milicias guaranis, de efetivos reduzidos, comandados pelos coroneis Jeronimo Gomes Jardim e José Luiz Mena Barreto, que vinham de Paisandu', forçando a marcha, afim de se reunirem á columna daquêle general. Derrotou-os a 24 de setembro de 1825. Jardim, depois de combater como um bravo, reuniu os lanceiros dispersos e escapou. Mena Barreto morreu, batendo-se a espada! Essa vitória insignificante encheu de impáfia os rebeldes e ainda hoje é cantada em prosa e verso.

A 12 de outubro seguinte, travava-se o combate de Sarandí. O desprezo de Bento Manuel, que, desde 1816, se acostumára a bater os orientais, por suas tropas produziu nêsse dia lamentaveis consequencias. Destacado do grosso da columna de José Abreu com uns seiscentos cavaleiros para observar Rivera assinalado nos arredores do arroio Aguila, batêra-o em setembro. Reforçado com

um esquadrão do 3º de cavalaria, do qual fazia parte o alferes Osorio, e com um do 5º, galopou até Montevideú, onde lhe negaram artilharia e infantaria, sómente lhe dando, á guisa de reforço, um esquadrão composto de guerrilheiros orientais e de antigos soldados portugêses indultados de suas faltas disciplinares, gente pouco segura, uns miseros pelotões do 7º de linha transformados em cavalarianos, oitenta lanceiros guaranis e um contingente de condutores de artilharia armados de lanças. “O rebutalho híbrido da guarnição da praça”.

Em pleno pampa reuniram-se á sua força 254 milicianos do regimento 39 e paisanos armados sob o comando de Bento Gonçalves.

“Reconhecido o inimigo, Bento Manuel ordenou que todos mudassem de cavalos e se preparassem para combater. Bento Gonçalves fez-lhe notar com a maior calma :

— Coronel, êles são duas vezes mais do que nós.

Bonifacio Calderon ousou dizer :

— Coronel, seria mais prudente retirar. O chefe sorriu e respondeu, bravamente :

— Estou acostumado a surrar êsses gringos um contra quatro. Não seria agora que iria evitar a luta. Faço tanto caso dêles que vou atacá-los em colunas de meios esquadrões e sem reservas.

Deu as ordens, que os clarins repetiram, esganiçados, na clara manhã, sob o ouro vivo do sol. E a cavalaria brasileira galopou, aos vivas, agitando as lanças apeiradas de rubro, contra a linha inimiga que iniciava seu movimento de carga.

Chocaram-se aquêles milhares de cavalos que faziam estremecer o sólo. Gritos, retinir de lâminas de aço, detonações de clavinas e pistolas, o surdo baque dos homens caindo mal feridos na macéga, e o uivo dos clarins no meio da peleja. O centro brasileiro composto pelos esquadrões de linha rompe a golpes de lança o centro inimigo, acutila-o, dispersa as reservas que acodem em socorro; mas, de repente, estaca ante a saraivada de metralha e fusilaria da artilharia e infantaria que os orientais traziam á retaguarda. Então, a cavalaria de linha recúa. Ao mêsmo tempo, a nossa direita — milicianos e paisanos de Bento Gonçalves — é batida pela superioridade numerica dos contrarios e vê-se obrigada

a retirar na direção do passo do Polanco. São quasi onze horas da manhã. Ha duas horas que os brasileiros se batem um contra dois. Bento Manuel, enfraquecido pelo rechasso da direita, dá ordem á esquerda de retirar. Filipe Neri e Calderón reúnem os dispersos e organizam como podem a passagem do arroio Sarandi.

Abandonado pelas alas batidas, o centro fica lutando no campo de batalha. Os uruguaaios cercam por todos os lados os pequenos esquadrões de cavalaria de linha que os tinham rompido. Uma floresta de lanças e de sabres fagulha ao sol e adensa-se em volta dos soldados do major Alencastre, que combatem sem cessar. Ao meio-dia, exaustos, famintos, feridos, rendem-se, apesar de terem sido vitoriosos". (*)

O alferes Osorio, que contava sómente dezesete anos, não se rendeu. Lanças, tiros, espadas dizimavam seu esquadrão e os soldados restantes fraquejavam, quando uma voz joven e varonil, enrouquecida pelo pó, pela fadiga e pela pólvora, gritou:

(*) G. Barroso — "A Guerra do Vidéu".

— Vamos, companheiros, rompamos o cêrco !

Era o alferes que se atirava contra o muro de inimigos com o rabo-de-galo a relampear sobre a cabeça. Sómente nove homens seguiram-lhe o exemplo, e dêsses quatro conseguem com êle abrir passagem e ganhar o vasto campo ensolado: o tenente Botas, que é alcançado e lanceado, o cadete Joaquim Alves, os cabos Bicudo e Joanico, e o lanceiro Alexandre.

Na extensão verde do pampa, com o vento a açoitar-lhe o rosto e os cabelos, Oso-rio ouve êste grito:

— “Es un oficial português !”

Vai cosido ao pescoço do cavalo, mas volta o rosto e avista dois inimigos que o perseguem, um volteando as boladeiras, todo alçado nos estribos, o outro, mais derreado, agitando o laço. Êle obriga a montaria a curvas e ziguezagues para livrar-se de seus golpes e ganha alguma distancia. Julga-se salvo, porém, de novo escuta a voz dos perseguidores:

— Máta-lo ! Es un oficial português !

Veem mais perto e de espadas erguidas. Segura as rédeas com a mão esquerda e na

destra, de cujo punho pende, seguro pelo fiel, o rabo-de-galo, traz, engatilhada, a pesada pistola regulamentar de pederneira. Observa que os uruguaaios estão separados por alguma distancia e resolve atacá-los um de cada vez. Refrêa o desabrido galope do cavallo, deixa que o perseguidor mais proximo se aproxime e mata-o com um tiro. O outro já está perto e o acutila. Apara o golpe de espada que lhe desfere no cano da pistola e a lamina se parte. Então, vai sobre êle e o derruba ensanguentado com terrivel coronhada na cabeça.

Adeante duma sanga, o coronel Bento Manuel, apeado, concerta os arreios de sua montaria. Outros inimigos, aos bandos, vinham perto. Não havia tempo a perder. Osorio chama alguns soldados dispersos e, com o cabo Bicudo, organiza uma guerrilha que os recebe a tiros, de tocaia, dando tempo a que Bento Manuel se ponha a salvo no cavallo de seu irmão, José Ribeiro.

Os orientais recúam e Osorio consegue passar o arroio Gé, além do qual Bento Gonçalves o abraça entuziasmado. Aí a voz de Bento Manuel lhe chega aos ouvidos ansiosa:

— Vem salvo o alferes Osorio ?

E, ao responderem-lhe afirmativamente, acrescenta :

— Hei de legar-lhe a minha lança, porque a levará onde a tenho levado !

Graças a dona Manuela Osorio Mascarenhas, nobre filha do general Osorio, de saudosa memoria, a lança apeirada de prata com que o marquês do Herval batalhou e venceu na Argentina, no Uruguai e no Paraguai acha-se hoje no Museu Historico Nacional. Será a mesma de Bento Manuel ?

Seja ou não, a lança que brandiu Osorio obrou maiores prodigios que a do guerrilheiro sorocabano.

O CREPÚSCULO DE ITUZAINGO

Depois de Sarandi, as forças brasileiras recolheram-se á provincia do Rio Grande do Sul e deixaram o territorio uruguaio ás mãos dos que pugnavam por sua independencia, menos as praças de Montevidéu e da Colonia do Sacramento. O governo argentino, que mantinha um exercito de observação á margem do rio Uruguai, desmascarou-se. A 25 de outubro de 1825, o Congresso das Provincias Unidas decretava em Buenos Aires a incorporação da Banda Oriental, admitia os deputados orientais e considerava as forças de Lavalleja como fazendo parte do exercito nacional. A nota apresentada em consequencia ao Governo Imperial provocou a declaração de guerra de 3 de janeiro de 1826.

As nossas tropas, sob o comando do brigadeiro Francisco de Paula Damasceno Ro-

sado acampavam nos arredores insalubres da capela de Sant'Ana do Livramento, amontoadas, desprovidas de tudo e sem higiene. As endemias as inutilizavam. A desharmonia entre o general Rosado e o presidente do Rio Grande aumentava as dificuldades dessa situação. “Nêsse acampamento estava Osorio. Magoava-lhe o triste espetáculo que pela primeira vez viam seus olhos; doía-lhe não poder dar refrigerio aos tormentos dos seus companheiros de armas; aconselhava aos mais aflitos paciencia por amor á bandeira da patria que era preciso defender; distribuia com os camaradas algum recurso com que podia contar, e para socorrer o faminto e esfarrapado, algumas vezes ficou com fome e sem roupa para mudar (*)”.

Continuava o aprendizado de heroismo que o tornaria uma de nossas mais puras e sedutoras figuras militares. E, durante sua vida inteira, jamais esqueceu o triste aspêto do acampamento de Sant'Ana. Ainda em 1877, na tribuna do Senado, falava com emoção dêsses dias de penuria.

(*) Fernando Osorio — “Historia do General Osorio”.

Surdo á gritaria oposicionista, D. Pedro I não abria mão da Cisplatina, que considerava por todos os motivos uma provincia do Imperio. Foi ao Rio Grande, mas teve de voltar inesperadamente e sem ter nada feito devido ao falecimento da Imperatriz Leopoldina.

A 1.º de janeiro de 1827, o marquês de Barbacena assumia na Capela do Livramento o comando em chefe do Exercito Imperial. O inimigo tomava a ofensiva e invadia o territorio brasileiro pela fronteira de Bagé. Trazia o intuito de impedir a junção das tropas de Sant'Ana com as do general Brown, que marchavam do Rio Grande. A reunião, porém, dos dois corpos, embora separados por grande distancia, se fez e Barbacena postou-se no arroio das Palmas, prestes a impedir aos argentinos a entrada para o interior da provincia e a atacá-los logo que tivesse força igual a êles ou que cometessem um erro estrategico, segundo officiava em 23 de janeiro ao conde de Lages, ministro da Guerra.

O general D. Carlos de Alvear, que mandava o exercito das Provincias Unidas, acrescido dos grandes contingentes de Lavalleja, saqueou Bagé e deu repouso á solda-

desca e ás cavallhadas. Depois, simulando que fugia, retirou na direção de S. Gabriel.

Barbacena destacou Bento Manuel, com a 1.^a brigada de cavalaria ligeira, para observar os movimentos do invasor e marchou em sua perseguição. A sua vanguarda era feita por cêrca de seiscentos paisanos armados e desertores indultados reunidos pelo velho e bravo general José de Abreu, barão do Serro Largo.

A 18 de fevereiro, o Exercito Imperial acampava junto ao arroio Salsos. A 19, marchava pela estrada que leva ao passo do Rosario, no rio Santa Maria. Fez alto uma legua antes, na estancia de Antonio Francisco. Os argentinos estavam atravessando o passo. Fazia um dia que descansavam alí. Desistiram da passagem e esperaram o ataque.

A' noite, Barbacena reuniu um conselho de officiais que opinou pela batalha. E a 20, ao romper do dia, os dois exercitos se defrontaram. Alvear occupava as coxilhas de Santa Rosa, que dominavam o passo. Enquanto os atiradores da vanguarda tiroteavam com os contrarios, o general em chefe dos imperiais fez rapido reconhecimento das

posições separadas por meia legua de terreno ondulado e coberto de macéga resequida, que ia dar numa sanga pouco profunda e a sêco. O inimigo estava estendido em linha, o 5.º de caçadores de Antonio Dias flanqueado pelas cavalarias de Laguna e Lavalleja. Vanguardavam os nossos os paisanos de Abreu e os milicianos de Bento Gonçalves. Vinham depois a 2.ª divisão do general Calado e a 1.ª do general Sebastião Barreto, com a artilharia do coronel Madeira no meio. O engajamento do combate se fez pela retaguarda da coluna de marcha, o que obrigou a da frente a percorrer grande extensão do campo de batalha antes de colocar-se no seu ponto de ataque, dispositivo tático inicial erróneo que nos prejudicou como uma pessima saída nas partidas de xadrez.

Trôa a artilharia de Iriarte contra a brigada de caçadores a pé de Leitão Bandeira, que carrega a baioneta, coroada de lumes ao sol, pelo macegal afóra. A cavalaria de Araujo Barreto escorraça nos seus flancos as guerrilhas argentinas. A divisão de Barreto atravessa sob a metralha a canhada e avança, destemerosa, contra as coxilhas de Santa Rosa, repelindo tres vezes seguidas a

cavalaria de Laguna. Contratacam os nossos lanceiros e a infantaria reforma suas linhas, continuando a avançar.

Brandsen carrega-as e é morto. Paz carrega-a-as e reflúe em desordem. Os caçadores a pé argentinos e a cavalaria de Maldonado descem das coxilhas sobre os imperais, ao mesmo tempo quasi que Lavalles desbarata e atira para longe o 39.º de milicias do coronel Isás Calderón. Bento Gonçalves, afastado, não póde proteger-lhe os flancos.

Lavalleja vem sobre a gente de Abreu, que não resiste ao choque e, em panico, corre sobre a infantaria de Calado, atropelando o 5.º de cavalaria de linha. Os brasileiros, em quadrado, fusilam os paisanos em fuga e os orientais que os carregam a quinze passos de distancia. O barão do Serro Largo cai morto no meio de seus cavalarios derrotados.

Barbacena procura articular as duas divisões, mas é tarde. A numerosa cavalaria adversa enxameia pelo campo. Couraceiros, lanceiros, blandengues golpêam sem successo os quadrados invenciveis dos caçadores brasileiros. Ha seis horas que se luta sem descanso, sob um sol de fogo, sem comer e sem beber. Faltam munições. A cavalaria ar-

gentina, alcançando o coice do Exercito Imperial, saquêa o comboio e leva como troféus bandeiras guardadas nas bagagens. Lança fogo á macega e o vento açoita com as chamas do incendio as divisões de Barbacena. Senhor de seus movimentos, êle “resolve interromper o combate” (*). O toque de retirada, que parte do estado-maior, é tristemente repetido pelas cornetas da infantaria e pelos clarins da cavalaria. “A 1.^a divisão rompe a marcha. A 2.^a acompanha-lhe o movimento. O que resta do 1.^o regimento de cavalaria da Côrte, o bravo 20.^o de milicias, os dragões de Lunarejo, os lanceiros alemães, o regimento de S. Paulo, os do Rio Grande flanquêam os quadrados heroicos. E o incendio, a fumarada, as cargas inimigas nêles quebram seus impetos constantes.

A retirada foi admiravel. Pela estrada do passo de Cacequí. Lenta, segura, em ordem. Parte da cavalaria em atiradores na retaguarda dos quadrados. Dentro dêles, os feridos e a artilharia. O inimigo não rompeu uma só de nossas formações, não tomou uma

(*) Enrique I. Rottjer — “Las operaciones de la guerra del Brasil y la batalla de Ituzaingó”.

bandeira e seu único troféu foi uma peça cujas rodas se quebraram e ficou encravada no campo. A perseguição argentina foi frouxa. As unidades do corpo de Soler seguiram á distancia de tiro de peça os imperiais, mas Alvear mandou que se detivessem, temendo o aparecimento das cavalarias de Bento Manuel, que foi o Grouchy de Itazaingó...

No topo das coxilhas, de quando a quando o Exercito fazia alto e punha em ordem seus elementos. Depois dum curto descanso, prosseguia a marcha, livremente, vagarosamente. Os argentinos haviam desaparecido. A's onze horas da noite, as divisões bivacavam a meia legua do Passo do Cacequi (*).

O alferes Osorio pertencia á divisão do general Calado. Após a debandada dos voluntarios de Abreu, a cavalaria inimiga atacou novamente e foi rechassada pelo 5.º de cavalaria de linha e pelo 20º de cavalaria de milicias. Vendo que o comandante do 3.º regimento, a que pertencia, estava indeciso, o joven official saiu da fileira, aproximou-se dêle e pediu licença para fazer notar que devia aproveitar o momento, afim de tambem ata-

(*) G. Barroso — “A guerra do Vidéu”.

car o inimigo vacilante, impedindo-o de trazer contra nós novas cargas. O coronel retrucou-lhe asperamente:

— Vá para seu lugar esperar ordens !

Osorio voltou ao seu esquadrão, murmurando:

— Para fugir daqui a pouco, ninguém ha de esperar ordens !

Refeito, o inimigo volveu á carga e levou de vencida o regimento, menos o esquadrão de Osorio, que o atacou, executando habil manobra, pela retaguarda, derrotando-o.

Na hora da retirada, confiaram a Osorio o comando da ala direita da guerrilha de clavineiros que protegia a retaguarda.

Sómente á tarde, quando os primeiros véus do crepusculo começaram levemente a se estender á face das coxilhas, Osorio pôde descansar. A cavalaria argentina ficava para longe. E um dos ultimos rostos que ela avistara enegrecido pela polvora do combate, fazendo-lhe frente, fôra o daquêle official de menos de vinte anos.

PAZ, AMOR E POESIA

O Exercito Imperial manteve-se na defensiva durante o resto do ano de 1827. A 12 de outubro, Osorio foi promovido a tenente e classificado no 5.º regimento de cavalaria de linha.

Até 1828, ficou nos acampamentos. A guerra prolongava-se em escaramuças sem significação. O Exercito Argentino retirara-se de vez para o Estado Oriental, rico dos roubos de gado e moveis praticados na nossa fronteira. Emfim, em fevereiro dêste último ano, Lavalleja pretendeu invadir o Brasil. Depois de varias guerrilhas, a 15 de abril o general Julian Laguna e o coronel Latorre eram alcançados junto ao arroio das Canas, em territorio oriental, voltando de saquear as estancias fronteiriças, por uma divisão ao mando do general Brown, que Lecôr, substituto de Barbacena no comando em chefe

dos imperiais, enviára contra êles. O tenente Osorio tomou parte com seu esquadrão na carga que fez o inimigo bater em vergonhosa retirada, perdendo dois mil cavalos.

A paz foi feita em agosto de 1828, com a constituição da Republica Oriental do Uruguai, independente do Brasil, mas também independente da Argentina. E, em abril de 1829, o regimento do tenente Osorio seguia para dar guarnição em Bagé, de onde seria mais tarde transferido para Rio Pardo.

Conta o dr. A. E. Camargo, nas suas *Notas*, que, quando se tratou da paz, “Laval-leja, Rivera e o general Lecôr trocaram officios, como era natural, entre êles, enviando-se reciprocamente os negociadores dela. Acompanhando êsses foi por duas vezes o tenente Osorio ao acampamento do exercito de Laval-leja e tantas e tais simpatias ali deixou que, por ocasião da definitiva celebração da paz, os Chefes que acabavam de ser inimigos, mandaram solicitar do general Lecôr permissão para que o deixasse passar em companhia dêles oito dias no Serro Largo.”

Osorio foi, assim, hospede de Lavalleja. Sua mocidade aureolada de bravura, servida por sua bela fórmula viril, adornada de fran-

queza e de maneiras cavalheirescas conquistava amizades tanto entre os inferiores como entre os superiores. Aquêles o adoravam. Êstes o estimavam.

Os ócios da guarnição na então vila do Rio Pardo, á margem do Jacuí, fundada pelos portuguezes em 1751, para cobertura da fronteira, serviram-lhe para passar em revista o seu curto, mas já movimentado passado, cheio de lutas, sofrimentos e penosos trabalhos. Não se sentia decerto arrependido de ter abraçado a carreira das armas, pois em cinco anos, dois galões lhe ornavam a farda e uma grande experiencia dos homens e das cousas lhe enriquecia o espirito atilado.

Acostumára-se ás intemperies — sol ardente ou minuanos frios; amestrara-se a romper obstaculos, a manejar armas, a defender-se com coragem e calma; aprendera a dirigir os gaúchos rudes e bravos; conhecêra Laval-leja, o pai das revoluções, Rivera, o triunfador de Guayabo e Alvear, que o primeiro denominava general de binoculo; observára indoles e costumes, e media com os passos de seu cavalo as terras da fronteira disputada.

Tudo vira e experimentara da guerra; porém nada sabia ainda do amor. Foi no

Rio Pardo que pela primeira vez se encontrou com êsse grande magico da vida. Tinha apenas 21 anos e o coração acordara no seu peito de soldado. Escapara ás balas de Sarandi e Ituzaingó para ser ferido pelas setas ervadas dos olhos de uma moça, cujo nome de familia a historia não menciona e que sómente denomina Ana.

Vê-la numa festa local e amá-la foi obra dum instante, como diz o poeta. Ana era tambem o nome da mãe do tenente. Esta coincidencia pareceu-lhe um proposito do destino. E tornou-se poeta para cantar o seu amor, não dos melhores, porém, não dos piores. Nem se podia exigir mais dum official de 21 anos, sem grande instrução, mais afeito a Marte do que as Musas, e no Rio Grande do Sul daquêle tempo de lutas fronteiriças.

Os pais de Ana não estiveram pelos autos. Como poderiam consentir no casamento de sua filha com um tenente de cavalaria que só tinha de seu o magro soldo de 25 mil réis por mês ! Com essa opposição crescia cada vez mais o amor dos dois jovens. Escrevia-lhe o official:

*Quer o fado que te adore
Emquanto, Lilia, eu viver;
obedecendo ao destino
hei de amar-te até morrer.*

*Uma esperança futura
consoladora me diz:
que, entre os dias desgraçados,
virá um dia feliz.*

*Só por ti, Lilia querida,
arranco do coração,
suspiros que nascem d'alma
gerados pela paixão.*

*Só vivo quando te vejo,
dia e noite penso em ti,
se nasceste para amar-me,
eu para te amar nasci.*

O centauro transformava-se em menestrel e os pais de Ana recearam a crescente influencia de seu estro no ánimo da rapariga. Fôram ao marechal Sebastião Barreto, comandante das armas da Provincia, padrinho dela, e conseguiram que o tenente trovador

fôsse destacado para a fronteira, lugar de perigos por causa de contrabandistas e salteadores.

Osorio cantou êsse desterro, antes de partir para êle:

*Contra mim a negra ausencia
já vejo mover os passos;
vem matar-me, arrebatando
Lilia bela dos meus braços.*

E, quando o sofria:

*Ausente dos teus encantos,
sem teus lindos olhos ver,
tudo me causa desgosto,
nada me causa prazer.*

As composições poeticas do official eram levadas a Ana, no Rio Pardo. A moça lia-as com os olhos em pranto e guardava-as em uma gaveta, ás escondidas. Uma escrava revelou aos pais da pobre enamorada a existencia dêsse tesouro de suspiros e saudades em verso. Resolveram, então, casá-la mais que depressa com um parente endinheirado que lhe arrastava a asa. Marcaram o dia do ca-

samento e prepararam o enxoval, enquanto o desterrado, sabedor dêsses manejos e sem poder explicar o silencio de sua amada, rimava quadras dêste jaez:

*Ingrata que me deixaste,
na tua cruel mudança,
recordações do passado,
uma perdida esperança.*

Estava uma tarde tristemente sentado á porta do seu rancho, quando um cavaleiro se aproximou, apeou-se, perguntou-lhe o nome e entregou-lhe uma carta. Era da sua Lilia e contava tudo o que se passara e estava passando na sua ausencia. Terminava assim: “Se me amas ainda, vem buscar-me; eu fugirei contigo. Acompanhar-te-ei para qualquer parte do mundo. Não tenho outro meio de evitar essa violencia (*o casamento forçado*), que me parece vêr realizar-se de um momento para outro. Atende; não demores que poderás chegar tarde. Ou o teu amor, ou a morte por quem chamo todos os dias, no meio das minhas desventuras.”

A data era dum mês atrás.

— Por que demorou tanto ? indagou do mensageiro.

— Adoeci em caminho e, como tinha ordem de entregá-la pessoalmente e em mão própria, tive de esperar que pudesse montar a cavalo.

Osorio sentiu que devia chegar tarde. Não obstante, fiel a seu amor, mandou selar o cavalo e partiu, confiando o comando do destacamento raiano ao seu imediato. Ao chegar a Rio Pardo, soube que Ana estava casada.

Seu primeiro amor acabou assim. Seu estro poetico teve vida mais longa: fez motes e glosou-os na guerra farroupilha, na campanha contra Rosas, nos acampamentos do Paraguai e nos salões das cidades que frequentou. Muitos de seus improvisos e algumas de suas quadras vulgarizaram-se no Rio Grande do Sul.

A FRONTEIRA

O destacamento do tenente Osorio na fronteira ocupava uns ranchos de palha á sombra de umbús no alto duma coxilha, de onde o olhar se espraiava pela ondulada pelucia verde, cortada pelo chamalote das aguas, dos territorios do Brasil e do Uruguai. Região perigosa. Em consecuencia das guerras de 1816 e 1820 e de 1825 a 1828, infestavam-na desertores e bandidos, que viviam de correrias e depredações. Insegurança pelos caminhos. Terror nas estancias e povoados. Salteadores argentinos, orientais e brasileiros faziam-se represalias reciprocas, continuamente. Matavam, roubavam, violavam e depredavam nos três territorios vizinhos, fugindo dum para o outro. (*)

(*) Osorio destacou na fronteira de 30 de março a junho de 1829, de 2 de agosto de 1831 a 1º de março de 1833 e de 22 de fevereiro de 1833 a 1º de janeiro de 1835.

Uma tarde, sentado á porta do rancho, tomando um amargo, o official divertia-se em vêr os soldados acabando um churrasco, quando appareceu um viandante maltrapilho pedindo pousada para a noite que vinha perto.

— Pois não ! disse com franqueza o tenente Osorio, ao mêsmo tempo que seus olhos examinavam o cavallo do desconhecido. Fogo animal ajaezado com um lombilho de arção de prata lavrada e com arreios apeirados do mêsmo metal. Por que êsse contraste entre o cavaleiro e a montaria ?

Emquanto o homem amarrava o pingo a uma estaca e se acamaradava com os soldados, Osorio chamou disfarçadamente o sargento:

— Cautela com êsse sujeito ! Procure descobrir quem é e o que pretende. Tome sentido no que disser e venha contar-me.

Uma posta de sangue no horizonte marcava a morte do dia. Os véus sutis da noite iam se tecendo no fundo dos banhados. O grito nostalgico dos quiro-queros rasgava a solidão. Ao escurecer, o sargento estava rente com Osorio:

— *Seu* tenente, o homem não conversa e só fez perguntar se o nosso destacamento é numeroso e se temos boas armas.

— Está bem, mande-o cá.

O gaúcho parou a certa distancia, com o chapéu derrubado sobre os olhos, meio envolto na penumbra crepuscular.

— Chegue-se mais perto ! gritou-lhe o oficial. Tem medo de ser conhecido ?

O homem deu alguns passos para êle, de chapéu na mão, confuso.

— Quem é você ? De onde vem e para onde vai ? De que vive ?

— “Soy un pobre peón, señor teniente. Vengo del Estado Oriental y busco trabajo.”

Com um sorriso de dúvida, Osorio continuou a interrogá-lo sobre os últimos acontecimentos da fronteira. O desconhecido caiu em contradições e perturbou-se de tal modo que o oficial ordenou:

— Prendam-no e, se intentar fugir, matem-no ! E’ um espião.

O gaúcho desvencilha-se dos guardas, salta sobre seu cavalo e perde-se na noite que caía. Osorio não o manda perseguir, mas determina que o destacamento se arme, monte e o siga, abandonando a rancharia do

posto. A certa distancia, para, faz todos os homens se apearem e esperarem de pé, rédeas passadas no braço, o nascer da lua.

Emfim, uma flôr de prata desabrocha no viso das coxilhas distantes e o leite luminoso do luar se derrama pelo vasto mar imóvel do pampa. O destacamento firma-se novamente nas sélas, concerta as lanças nos cachimbos dos estribos, verifica as escorvas dos clavinotes de chispa e segue o joven tenente, descrevendo um circulo em volta do seu acampamento abandonado.

De repente, um forte bufar de cavalo, perto, chama-lhe a atenção. Osorio escolhe um soldado manhoso:

— Vá vêr o que é.

O homem larga-se por entre as piteiras altas e logo volta:

— Ha um bando de gente nos nossos ranchos e um redomão bufando amarrado ao palanque.

A' sombra das arvores e das moitas, o destacamento engatilha as Brown Bess e cerca a rancharia, depois se atira resolutto para a frente e descarrega as armas. Ao rumor dos tiros, vultos correm em todas as direções e só um fica no chão, escabujando como um

animal caçado. E', que casualidade ! o espião, e confessa que viera examinar se ao seu bando de ladrões de estrada seria possível atacar o posto e apoderar-se de armamento e munição, de que muito precisavam.

— “Pero — concluiu — no contábamos con la viveza del comandante del destacamento.”

E morreu.

Para os lados do Quaraim, os bandos de facinoras dessa laia praticavam tropelias contra as pessoas e propriedades riograndenses, graças á tibieza das nossas autoridades e á facilidade de se acoutarem nas terras da República vizinha. Eram, na maioria, índios da povoação Bela União, ali estabelecida pelo general Rivera. Incendiavam as casas, deixando famílias inteiras expostas ao tempo e sem alimentação. Roubavam tudo e praticavam atrocidades horriveis.

O tenente Osorio, recebendo queixas de toda a parte contra os índios uruguaio, resolveu dar-lhes uma lição. Marchou contra elles á frente dos 20 cavalarianos do seu destacamento e apanhou-os em flagrante delito, quando transpunham a raia, levando gados e

fazendas roubados. Apesar de sêrem numerosos, carregou-os violentamente, desbaratou-os e arrebatou-lhes o saque.

Um bando mais decidido, entrincheirou-se numa *encerra*. Os nossos não lhe deram tempo de escorvar duas vezes as pederneiras. Liquidaram-nos a tiro, a lança, a espada e a laço. Entre os cadáveres, os de algumas mulheres demonstravam que os salteadores possuíam amazonas. E nunca mais os guaranis da Bela União se atreveram a passar a fronteira.

O marechal Sebastião Barreto, um dos heróes de Ituzaingó, não simpatizava com Osorio dêsde longo tempo. Para isso, talvez ainda mais tivesse contribuido o namoro com a tal dona Ana, sua afillhada. Fez dêsse áto uma falta e mandou prendê-lo. Como nenhum magistrado quizesse fazer um inquerito contra o tenente e não fôsse possível conservá-lo preso sem culpa formada, o marechal teve de relaxar a prisão, que figura dêste curioso modo na fé de officio do general Osorio: “Preso por ordem do Ilmo. e Exmo. Sr. Comandante das Armas desta Provincia, a 8

de Janeiro de 1832, solto a 11 de Dezembro do mesmo ano, *por fatos não comunicados ao Corpo.*”

A vida da fronteira é que o impeliu cêdo para a politica, arte que sempre o tentou tanto, se não mais que a guerra. Num dos intervalos de sua aventureosa existencia de fronteiro batalhador, estando no Rio Pardo, entrou para as fileiras do partido *liberal moderado*, filiando-se á loja local representante da *Defensora da Independencia* do Rio de Janeiro, “associação que, no dizer do general Abreu e Lima, verdadeiramente governou o Brasil pelo espaço de quatro anos e foi, em realidade, outro *Estado no Estado*, porque sua influencia era a unica que predominava no Gabinete e nas Camaras, e sua ação, mais poderosa que a do Governo, se estendia por todos os angulos do Imperio.”

A politica envolveu-o nos acontecimentos da Provincia, de setembro de 1835, pró-dromos da grande revolução farroupilha, que lhe ensanguentaria os pagos durante dez longos anos. Chefiados pelo coronel Bento Gonçalves e cansados das arbitrariedades do Governo provincial, os liberais depunham o presidente Fernandes Braga, apoderavam-se

de Porto Alegre, davam posse ao vice-presidente dr. Marciano Pereira Rieiro, demitiam o marechal Sebastião Barreto do comando das armas e o substituíam por Bento Manuel, e officiavam ao Governo Imperial explicando as causas e motivos da revolução, e pedindo a nomeação de novo delegado de seus poderes.

Quando isso ocorria na capital, o tenente Osorio se encontrava na vila de Bagé, para onde fôra removido do Rio Pardo, o seu regimento, que, pela última reforma do Exército, feita pela Regencia do Imperio, tomára a designação de 2.º corpo de cavalaria de 1.ª linha. Não se acabára ainda a sua missão de batalhar ou vigiar na fronteira da patria. Lavallega ateava por toda a Banda Oriental as chamas da guerra civil e a cavalaria gaúcha devia estar de guarda e sobreaviso.

Comandava o corpo interinamente o capitão Jorge de Mazzarêdo. Andavam as companhias em atalaias e rondas pela raia oriental e, no quartel da vila, sómente se achava a companhia do tenente Osorio, quando o alferes José Maria do Amaral, seu immediato, seduzindo o sargento Bonifacio e a maioria dos

soldados, se declarou em revolta aberta e foi postar-se no Pirai, disposto a atacar e tomar Bagé.

Mazzarêdo não dispunha de elementos para resistir-lhe. Então, em companhia de Osorio e de alguns soldados fieis, partiu da vila pela manhã em direção a S. Gabriel, com o proposito de se juntar á columna do marechal Sebastião Barreto.

A revolução estava nos espiritos por toda a Provincia. Em frente a S. Gabriel, o marechal, que dispunha de pouca gente e se via isolado no meio duma população hostil, dizendo ter noticias de que nessa vila havia mais de 600 revolucionarios, tropa superior em número á sua, dissolveu esta e refugiou-se no Uruguai. O capitão Mazzarêdo, embora, militando no partido contrario a Osorio, pediu a êste que o salvasse da sanha dos adversarios. Com quatro praças seguras, o tenente o escoltou até o outro lado da fronteira através das sombras da noite e das partidas riograndenses que percorriam o pampa em varias direções. Deixou o capitão salvo em Taquarembó, voltou e foi apresentar-se ao novo comandante das armas, Bento Manuel, que o prendeu.

— O tenente Osorio chegou e está preso sob a guarda do capitão Oliverio !

Esta noticia vôa pelo acampamento de S. Gabriel, quartéis e rancharias em fóra. Soldados e officiais de outros corpos, gente do povo, amigos particulares correm, alvoroçados, a Bento Manuel e pedem que solte o bravo official. O comandante das armas lembra-se de Sarandi, lembra-se que o fizera digno herdeiro de sua lança famosa, manda-o chamar e pergunta-lhe, de escantilhão :

— Não previa, tenente Osorio, que sua passagem ao territorio oriental com o capitão Mazzarêdo o tornaria suspeito á revolução ?

— Previa — replica o official calmamente — previa, mas esperava que minha pronta apresentação anulasse qualquer suspeita que sobre mim pairasse. Entre o sacrificio momentaneo de minha reputação e o dever de salvar a vida dum amigo, não vacilei. E quem sabe se, conduzindo o capitão Mazzarêdo ao Estado Oriental, não afastei da luta um adversario e, em vez dum mal, fiz um bem á revolução ?

O caudilho sorocabano estendeu-lhe a mão :

— Fez bem, camarada. Fez o que eu faria. Vou nomeá-lo comandante de seu proprio corpo e mandá-lo tomar conta da fronteira de Bagé.

A fronteira continuava, assim, um dos grandes e necessarios campos de experiencia da sua vida.

Até seu casamento ali se fez. Em Bagé, frequentando a casa do juiz de paz Zeferino Fagundes de Oliveira, começou a sentir certa inclinação para a filha mais moça do mesmo, Francisca, morena de pequena estatura e porte gracioso, de olhos e cabelos negros, cujos atrativos morais eram tão grandes quanto os fisicos. “Para Osorio — conta seu filho Fernando — Ana, o seu primeiro amor, a sua musa inspiradora no Rio Pardo, já não existia; e Francisca se lhe apresentava agora como um bálsamo suavissimo e consolador, como a portadora da sua felicidade, a destinada pelo Céu para ser a sua extremosa e dôce companheira. Isto lhe segredava o coração, lhe dizia o pensamento proprio, e não o iludiram”.

Realizou-se o casamento a 15 de novembro de 1835 e serviu-lhe de padrinho um distinto companheiro de armas: Emilio Luiz

Mallet, que, mais tarde, se cobriria de gloria a seu lado, em Tuniti, comandando o famigerado 1.º regimento de artilharia a cavalo, o Boi de Botas.

A REVOLUÇÃO DOS FARRAPOS

Em novembro de 1835, quando parecia terminada a vitoriosa revolução liberal da Província, começavam a crepitar os fogachos duma luta mais grave e maior, que duraria dez anos, pondo em perigo a unidade do Imperio. Suspeito aos liberais, o novo presidente Araujo Ribeiro, cujo programa teorico ou plataforma, como se diz hoje, era Paz e Conciliação, errou não querendo governar com o partido vencedor. Os mais exaltados emprestaram-lhe e ao Governo Imperial intenções hostis. Daí duvidas, desconfianças, incertezas e ameaças, as representações de varios distritos á Assembléa Provincial contra sua posse, que esta acabou recusando.

Araujo Ribeiro quiz regressar ao Rio, porém. Bento Manuel ofereceu-se para apoiá-lo e combater os revoltosos. E, entre os nomes que lhe indicou para que a êles se

dirigisse e solicitasse serviços, estava o do tenente Osorio.

— Este tenente é também influencia ? perguntou Araujo Ribeiro, admirado.

Bento Manuel respondeu:

— E' e, se não morrer, virá a ser no futuro, de entre as primeiras, a primeira.

Emquanto o presidente agitava com a pena a opinião, Bento Manuel ia organizando a resistencia armada.

Mal chegava ás mãos de Osorio a ordem do dia em que o Comandante das Armas acima mencionado reconhecia legitima a autoridade de Araujo Ribeiro, também lhe entregavam este laconico bilhete do pai, que se achava em Caçapava:

“Manuel. Estou me aprontando para marchar em defesa da legalidade. Se tu és dos revolucionarios que desobedecem a autoridade do presidente Araujo Ribeiro e tramam a separação da Provincia, pódes contar em mim um inimigo mais com quem brigar. Adeus. Teu pai, Manuel Luiz da Silva Borges.

Recado digno dum espartano. Osorio respondeu ao presidente que contasse com elle, a Bento Manuel que obedecia com seu corpo

à ordem de reconhecer a autoridade de Araujo Ribeiro e a seu pai que se mantinha fiel ao juramento feito no dia em que assentara praça.

Alguem procurára intrigá-lo com o progenitor e outros o caluniaram junto a Bento Manuel, dando-o como se tendo passado para os revoltosos. Houve até oficiais que se dispusessem a assassiná-lo para castigá-lo da traição. Mas tudo se aclarou e lhe foi feita justiça á atitude digna.

Em fevereiro de 1836 rompem-se as hostilidades entre legalistas e farroupilhas, como se chamavam os liberais rebeldes em lembrança dos famosos *gueux* da Holanda. Osorio reune-se á coluna do tenente-coronel Medeiros, na comissão de major de brigada e instrutor, a qual, por sua vez, faz junção com Bento Manuel, que buscava as forças revolucionarias de Côrte Real. Bateu-as á margem do Santa Maria e nessa ação Osorio teve o cavalo baleado.

Pouco tempo depois, em Caçapava, seu pai morria duma lesão no figado.

A guerra civil prossegue em alternativas de triunfos e revezes para ambos os litigantes. Araujo Ribeiro dominava no Rio Gran-

de. Os Farrapos eram senhores de Porto Alegre. Aproveitando um movimento reacionário na capital, Bento Manuel vem atacá-la em julho de 1836 e escolhe Osorio para ir a Itapuan combinar com a Esquadra Imperial as operações a sêrem encetadas. Emfim, a legalidade é restaurada em Porto Alegre.

O resto da Provincia, porém, continua pegando fogo. E Osorio acompanha o tenente-coronel Medeiros contra os insurretos do interior. E' êle quem carrega na vanguarda os adversarios e quem solicita o perdão dos prisioneiros condenados á morte.

Proclama-se a Republica Rio Grandense em Piratinim, ha o desastre do Fanfa, Bento Gonçalves, prisioneiro, segue para o Rio; mas as energias da insurreição não se esgotam e, em 1837, Osorio, com as cavalarias imperiais, continua a bater-se nas coxilhas, sob as ordens de Bento Manuel, contra os guerrilheiros de David Canabarro.

O substituto do presidente Araujo Ribeiro, brigadeiro Antero José Ferreira de Brito, é nomeado pelo Governo Imperial, convencido da necessidade dum militar enfeixando nas mãos todos os poderes para dominar a revolução, tambem comandante em chefe do

Exercito Imperial em operações no Sul. Acusa de inerte e destrata a Bento Manuel, que licencia quasi todas as suas tropas e, por vingança, se bandêa para os republicanos e prende o brigadeiro á noite, no arroio Itapevi.

A revolução farroupilha toma novo alento.

Osorio, requisitado a Medeiros por Bento Manuel, ao saber dêsses fátos, corre para Caçapava e lá se vê cercado por todo o Exercito Republicano, que, após a derrota do Fanfa, se refugiara no Uruguai e agora regressava com seus grandes chefes: Neto, Canabarro e Guedes. Mas torna-se um dos esteios da resistencia junto ao comandante da praça, coronel João Crisóstomo, desafiando seduições e terrores. Desde que se verificou a impossibilidade de continuar a defesa e que se recusaram as propostas de capitulação, resolveu-se encravar a artilharia, inutilizar as munições e retirar, á noite, rumo do passo de São Lourenço.

Osorio decidiu-se a romper o sitio e ir juntar-se aos legalistas do Rio Pardo. Não queria participar daquela fuga mascarada com o rótulo de retirada. Saiu com seu irmão José, vaqueano da região, e um escravo,

enquanto a mãe ficava a rezar com o resto da família e os fâmulos diante do oratório estrelejado de lumes. Seu chefe, sem poder realizar o plano primitivo, era forçado a capitular, e êle rompia com os dois companheiros e mais 39 soldados o apertado cêrco, na calada da noite, apresentando-se no Rio Pardo.

Esta façanha e a noticia de que repelira as propostas de Bento Manuel prestigiaram-no nos meios legalistas e fizeram com que o presidente Cabral de Melo o nomeasse major de legião da Guarda Nacional. Entregaram-lhe o comando dum esquadrão de cavalaria posto sob as ordens immediatas do Governo Provincial. Êle proprio organizou essa força com prisioneiros que conseguiu habilmente chamar ao serviço da legalidade.

O Exercito Republicano do general Neto, vencedor em Caçapava, marchou sobre Porto Alegre, que atacou, sendo rechassado. Osorio fez uma sortida até o lugar Picada, batendo uma partida republicana, tomando cavalos, bois, canôas e prisioneiros.

Novo presidente governava a Provincia, Feliciano Nunes Pires, homem de bem, cuja moderação fazia exultar os farroupilhas e despertava a opposição dos ultra-legalistas in-

tolerantes. Osorio era um de seus amigos dedicados e elle lhe dedicava grande confiança.

A 29 de setembro de 1837, depois de lançarem sobre a cidade granadas e balas incendiarias, os republicanos atacaram as forças do comando do brigadeiro Cunha, que saíam para um reconhecimento. Travou-se cerrado tiroteio e, á frente do 8.º batalhão de infantaria, tombou morto o bravo major Mazarêde, aquêle mêsmo que Osorio salvára dois anos antes, levando-o ao Uruguai. Desta vez não o salvou, mas salvou-lhe o batalhão de ser envolvido. Acudiu com um troço de cavalaria e uma companhia de alemães, fazendo o inimigo recuar.

O presidente Nunes Pires foi substituído em novembro pelo marechal Antonio Elisario de Miranda e Brito. O regente do Império Araujo Lima, que sucedera ao padre Feijó, trazia como programa restaurar no Rio Grande o imperio da lei. O marechal entregou-se de corpo e alma aos ultra-legalistas e êstes que envolviam Osorio no rancor que tinham por Nunes Pires instaram por sua retirada da capital que tanto ajudara a defender.

Osorio exonerou-se do comando do esquadrão presidencial e da comissão de major de legião da Guarda Nacional do município. O marechal Elisiario, depois de fazê-lo apresentar-se por acinte ao juiz de direito Pedro Chaves, chefe dos oposicionistas que o perseguiram, nomeou-o para engajar e organizar forças na Banda Oriental, devendo esperar instruções na cidade do Rio Grande. Era simples pretexto para retirá-lo de Porto Alegre.

Em 1838, Bento Gonçalves evadia-se do Forte do Mar, na Bahia, onde se achava preso, e tornava ao seio dos seus queridos Farrapos. Entretanto, o presidente Elisiario organizava o Exercito Imperial em duas divisões, a da Direita sob o comando do marechal Sebastião Barreto e a da Esquerda sob o do brigadeiro Silva Cabral. O chefe das cavalaria desta última era o coronel João da Silva Tavares que convidou Osorio para major de sua brigada e instrutor de seus cavaleiros. Solicitou e obteve a aquiescencia do presidente da Provincia. Suas funções na instrução da tropa não o impediam de tomar parte saliente em sortidas e guerrilhas.

O marechal Elisiario era um soldado fraco e politiqueiro que logo se impopularizou, desgostando os melhores oficiais e o proprio almirante Grenfell. Não soube fazer levantar o sitio da capital e sofreu grande derrota no Rio Pardo. Mal impressionado, o Governo Imperial enviou ao Rio Grande do Sul o ministro da guerra Sebastião do Rego Barros.

A 20 de agosto de 1838, publicava-se a promoção de Osorio ao posto de capitão. Levára onze anos para pôr as franjas nas charlateiras de tenente. Quando Sebastião do Rego Barros chegou, os officiaes incumbiram o novo capitão de expôr-lhe suas queixas contra o marechal Elisiario e os erros militares e politicos que cometia. O ministro ouviu-o com toda a atenção e prometeu interessar-se pela demissão do presidente.

Os desacertos governamentais, as lamentações dos companheiros, os máus prognosticos do futuro e a extrema pobreza a que estava reduzida sua mãe, fizeram-no pensar em despir a farda, afim de melhor cuidar dos seus interesses e dos de sua familia. Requereu reforma com 16 anos de serviço, dos quais nove e meio de campanha. O marechal Elisiario

dava a esse requerimento uma informação caluniosa. De nada a fatalidade das cousas permitiu que servisse. A 11 de junho de 1829 o presidente era demitido, a 21 o Governo indeferiu o pedido de reforma, em setembro o tenente general Manuel Jorge Rodrigues, novo comandante do Exercito do Sul, propunha Osorio para comandante da 3.^a companhia do 2.^o regimento de cavalaria de linha, proposta que era aceita em dezembro.

A presidencia da Provincia coube ao dr. Saturnino de Souza Oliveira e o comando das forças navais novamente a Grenfell. Entretanto, a ousadia dos republicanos parecia crescer com as dificuldades e o tempo. Carceados dum porto, apoderaram-se do da Laguna, em Santa Catarina, que foi elevada a capital e crismada em Juliana.

Em fevereiro de 1840, o marechal Rodrigues principiou a executar seu plano de camapnha contra os rebeldes, que era impedir a comunicação dos sitiantes de Porto Alegre com o interior, surpreender onde estivesse o Governo da Republica e, reunindo todas as forças disponiveis, por fim, esmagar o adversario. Seguiu para o Caí, fez Calderon apoderar-se de Piratinin e deu combate aos

revoltosos em Taquari, no qual ambos os contendores se attribuíram a vitória.

A 27 de julho, o marechal Andréa substituiu no governo ao dr. Saturnino e a 29 partia para Santo Amaro. Já fôra então proclamada a desejada maioria de D. Pedro II por uma verdadeira revolução parlamentar. Andréa nada fez. Nem conseguiu um acordo, nem obteve uma vitória.

Em 1841, Osorio marchou na brigada de Silva Tavares contra o exercito de Bento Gonçalves, reunindo-se ao grosso das tropas imperiais na estancia do Formiga, na serra dos Porongos. Passou-se o tempo em marchas e contramarchas que extenuavam os infantess e rebentavam as cavalladas, deixando os lanceiros a pé. Nenhuma ação decisiva se travou. E o capitão Osorio compartilhou de tão improficuos sacrificios, primeiramente no comando da 3ª companhia do 2º regimento de cavalaria ligeira de linha, depois no estado-maior do general em chefe João Paulo dos Santos Barreto.

Em 1842, comandava o exercito o conde do Rio Pardo, que nunca se considerava preparado para entrar em operações contra os farroupilhas. A 27 de maio, era Osorio pro-

movido a major e a 13 de junho recebia a fita de Cavalheiro da Imperial Ordem do Cruzeiro.

A inação do conde do Rio Pardo fez com que fôsse substituído pelo brigadeiro José Maria da Silva Bittencourt até que veio assumir o comando das tropas e a presidência da provincia o conde de Caxias, a gloriosa espada que sustentou o Imperio.

Os republicanos dominavam a campanha, mas a estrela e a capacidade de Luiz Alves de Lima e Silva ali estavam para dar-lhes, mais cedo ou mais tarde, o golpe de morte. Ele desdobra-se em actividades ao contrario dos vagarosos e ineptos antecessores. Guarnece de lanchões e canhoneiras os rios, defende as cidades, policia o territorio, distribue partidas contra desertores e bandidos, obsta as reuniões do inimigo e avança contra o grosso dos republicanos. Em 1845, não dá treguas a êstes. Osorio, comandando interinamente o 2º regimento, faz o possível para ajudá-lo no arrebanhar cavalladas e nas operações de guerra, recebendo elogios em ordem do dia.

Sabendo um dia que pretendiam retirá-lo do seu comando, procurou o conde e disse-

lhe que preferia despir a farda a sofrer tal desgosto. Caxias respondeu-lhe com o seu geito carrancudo e o seu olhar distraído:

— Está bem. A um militar como o senhor, brioso, honrado e valente, não é lícito maltratar. Será sustentado no seu posto.

Desde êsse dia os dois heróis compreenderam-se dentro duma grande estima reciproca.

Em 1844, um acordo de Caxias com o general Oribe permitia ás tropas imperiais penetrar no territorio uruguaio em perseguição dos rebeldes. Isto peorou a situação já de si bastante difficil dos farroupilhas. Bento Gonçalves, Neto, Canabarro, Jardim, Vasconcelos, José Mariano de Matos, todos os chefes da Republica reunem-se e resolvem aceitar uma acomodação com o Imperio. E' o caudilho oriental Fructuoso Rivera, que assistiu á reunião, quem escreve ao coronel legalista Jeronimo Jacinto, do qual era amigo, convidando-o a tratar do assunto. Sabendo da carta de Rivera ao coronel, Caxias não permitiu que êste o procurasse.

A derrota de Francisco Pedro de Abreu, o famigerado Moringue, valoroso chefe legalista, pelo farroupilha Antonio Manuel do

Amaral no arroio Candiota foi o derradeiro balão de oxigenio dado á agonizante Republica de Piratinim.

Os espiritos em todo o Rio Grande ansiavam pela paz.

A PACIFICAÇÃO DAS COXILHAS

Um dia, o conde de Caxias mandou chamar Osorio e disse-lhe com aquêlê seu beijo caído e olhar parado com que implicava Sieber:

— Major, tenho admirado sua conduta. O corpo de seu comando é um exemplo de aceio, disciplina e valor. O govêrno deve-lhe uma promoção e vou propô-la ao ministro da guerra.

Assim, em plena luta farroupilha, a Espada do Imperio reconhecia, proclamava e premiava a bravura e a lealdade do Centauro dos Pampas. A 5 de junho de 1844, Osorio recebia o habito de S. Bento de Aviz, e a 23 de julho era promovido a tenente-coronel e conservado no comando do seu regimento, o 2º de cavalaria ligeira.

“Corria em meio o anno de 1844. Visivelmente, por êsse tempo, o Exercito Republicano perdia muito terreno. A perseguição que sofria era constante e energia. Entre

seus chefes lavrava a desharmonia, a intriga e a desesperança. Tudo denunciava que a causa da Republica estava perdida. Dia a dia ela experimentava uma decepção. O Governo já não tinha paradeiro certo; pelas estradas e atalhos conduzia apressadamente o seu arquivo em carretas ou cargueiros. Os ministros caíam prisioneiros nas emboscadas. Os valentes guerrilheiros expiravam vencidos no campo de batalha. Alguns morriam em duelo, como Onofre Pires na ponta da espada de Bento Gonçalves. Embalde nos últimos meses do referido ano de 1844 operaram prodigios de heroicidade. Volveu Canabarro, do Estado Oriental, a 9 de julho, com mil e duzentos combatentes? O Exercito Imperial, maior e mais poderoso, fê-lo recuar. Inclinou-se á simples, mas infernal guerra de recursos, dividindo em partidas o Exercito Republicano e espalhando-as na Provincia? De mais fortes e numerosas partidas dispôs o barão de Caxias para combatê-lo (*)."

Bento Manuel, que os abandonara e tornara a servir aos imperiais, não lhes dava treguas no Alegrete e nas Missões. O Morin-

(*) **Historia do General Osorio.**

gue aprisionava o caudilho Joaquim Pedro Soares e o coronel José Mariano de Matos, vice-presidente da Republica. Juca Custodio era derrotado e morto. Claro de Campos, preso no Quaraim. O bravo Antonio Manuel do Amaral, vitimado no ataque á vila do Jaguarão. Jacinto Guedes e Canabarro, destróçados. Só lhes restava depôr as armas.

Havia um ano que a idéa de paz vinha tomando vulto. Rivera, que já procurara entendimento com Jeronimo Jacinto, escreveu directamente ao general em chefe imperial, solicitando um armisticio de um mês como primeiro passo duma negociação.

Caxias recebeu a carta do caudilho oriental com um sorriso de incredulidade. Êle conhecia o pacto de auxilio mútuo existente entre o *gaucho-malo* D. Frutos e os republicanos de Piratinim. Êstes lutavam contra o Imperio e êle contra Oribe. Uma suspensão de hostilidades daria descanso aos seus amigos Farrapos e permitiria que, se suas circunstancias pessoais melhorassem no seu país, mais adeante lhes prestasse auxilio. O general em chefe tinha provas da deslealdade do uruguaio e achou que devia subtrair os republicanos á sua influencia. Resolveu in-

terromper a correspondencia por escrito e mandou-lhe um emissario que lhe dissesse não anuía a proposta alguma que não tivesse por base a deposição das armas e pretendia pacificar a Providencia, tratando directamente com os chefes riograndenses. Escolheu para essa missão o tenente-coronel Osorio.

A 12 de outubro partiu do acampamento imperial e, chegando onde estava Rivera, encontrou na companhia dêste o major Antonio Vicente da Fontoura, ministro da Guerra da República Riograndense, o qual, ás suas primeiras palavras, quis retirar-se.

— Fique, disse-lhe, porque não ha segredo.

Expôs, então, o pensamento de Caxias. Fontoura deixava transparecer no semblante um ar prazenteiro. Rivera não escondia sua contrariedade. Em resposta, tratou a pessoa do general em chefe com aspereza.

Osorio levantou-se e protestou com calma :

— Vim aqui para ser tratado com a atenção e o cavalheirismo a que tem direito um emissario do Chefe do Exercito Imperial.

— Muito bem — retrucou o caudilho — mas que motivos tem êle para considerar um embuste a minha proposta?

— Não estou autorizado a descer a minudencias e tão sómente a expôr o pensamento do meu chefe. Entretanto, com a permissão de V. Ex., posso dizer-lhe que um dos motivos de desagrado do meu general é ter V. Ex. ainda ha pouco fornecido 600 potros para remonta do Exercito Republicano, no mêsmo momento em que lhe escrevia fazendo protestos de simpatia pela paz do Imperio.

O chefe oriental mordeu os labios, fingiu não ter ouvido e gritou a um peão:

— *Xé! traiga mate!*

E saiu. Osorio aproximou-se de Fontoura, que sorria, e falou rapidamente:

— A pacificação se fará, porque os senhores a querem e o Governo Imperial tambem. O barão de Caxias só trabalha para êsse fim. Estamos cansados da guerra e nossa terra precisa de paz. Mas, por que perdeu tempo querendo obtê-la por intermedio dêste homem, que o general não quer nem ver? Êle sómente quer contemporizar e aproveitar-se dos senhores. Pouco lhe importa a felicidade do Rio Grande. Duvidará ainda de sua perfidia depois do que lhe disse? Venha comigo, meu patricio, e vamos nós mêsmos cuidar da nossa paz.

— Julga que o barão de Caxias nunca tratará com Rivera e deseja de verdade entender-se diretamente conôsko?

— Não julgo. Afirmo!

— Então, vou embora.

Rivera apareceu, dirigindo-se a Fontoura:

— *Ya vê usted, amigo, lo que contesta Caxias a mi nota. Su gobierno decidirá, no es verdad?...*

— Sem dúvida, general, e vou encaminhar-lhe a occurrencia.

— Peço licença para retirar-me, falou Osorio. E partiu.

Ao referir ao general em chefe tudo quanto se passara, não omitiu o que dissera a Rivera sobre sua deslealdade. E Caxias:

— Que disse êle?

— Fez-se desentendido e pediu mate...

No proprio dia em que Osorio desempenhava essa missão, o Governo Imperial o nomeava official da Ordem da Rosa.

A paz começou, dêsde êsse dia, a ser tratada entre o general em chefe e o Governo da República Riograndense. Deliberou-se mandar o ministro Antonio Vicente da Fontoura á Côrte com uma exposição de moti-

vos dos chefes farroupilhas. A boa vontade de Caxias e as probabilidades duma guerra no Prata contra o ditador Rosas, que pretendia reconstruir o antigo Vice-Reinado do Prata, absorvendo Paraguai, Uruguai e parte ou todo o Rio Grande do Sul, aplainaram as maiores dificuldades, de modo que o ministro Fontoura regressou em fevereiro de 1845, trazendo as concessões do Governo Imperial: escolha dum presidente indicado pelos republicanos, pagamento da dívida pública, manutenção dos oficiais nos seus postos, liberdade dos escravos que serviram á revolução, validade das causas civis e dispensas eclesiasticas, garantia individual e de propriedade, aproveitamento da officialidade republicana que quisesse servir na 1ª linha, isenção de recrutamento dos soldados, etc.

Fez-se, assim, a paz. Em Ponche Verde, David Canabarro lançava uma proclamação ao antigo e glorioso Exercito Republicano, declarando: “Um poder estranho ameaça a integridade do Imperio; e tão estolida ousadia jamais deixaria de ecoar em nossos corações brasileiros. O Rio Grande não será o teatro de suas iniquidades, e nós partilha-

remos da gloria de sacrificar os ressentimentos creados no furor dos partidos ao bem geral do Brasil!"

Dissolveu-se o Exercito Farroupilha, indicou-se o proprio Caxias para presidente da Provincia e os povos respiraram tranquilos. Estava feita a paz. Restava fazer a pacificação. Ninguém mais habil, sereno e prestigioso para conseguil-a do que Luiz Alves de Lima e Silva.

Passando num dia de verão pelo territorio vizinho á fronteira, perto de Sant'Anna do Livramento, o general Osorio disse a seu filho Fernando, muito tempo depois da Guerra dos Farrapos:

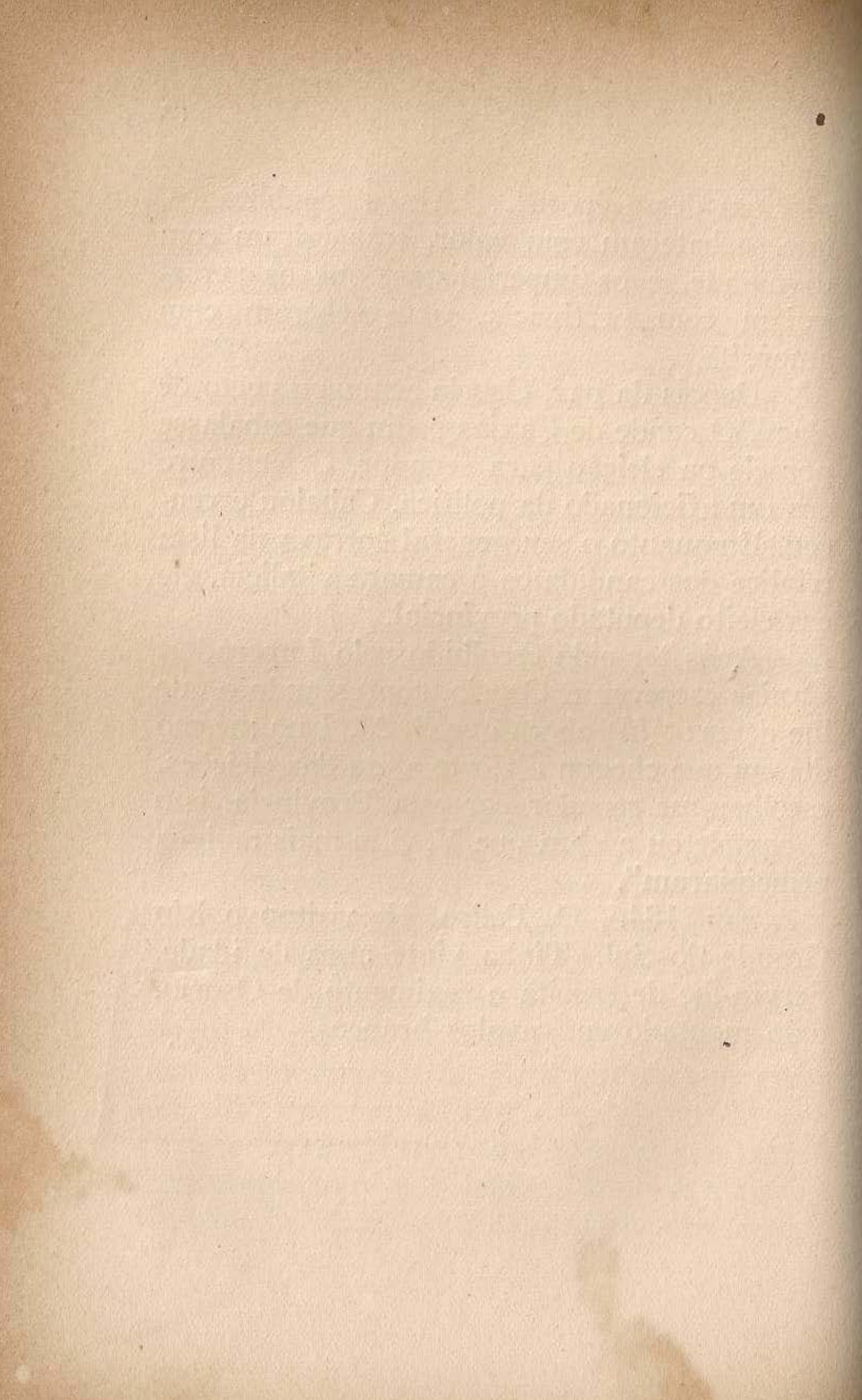
— "Todos êsses campos que avistas foram percorridos pelos soldados do Exercito e da República. Eu os percorri tambem, mas levando a tristeza no coração, porque a espada que devia desembainhar não era para verter o sangue de patricios, e eu sempre tive horror á guerra civil, á guerra entre cidadãos da mesma patria. Bem junto a nós está um sitio que nunca ha de ser esquecido — Ponche Verde. Êste nome recorda um combate sanguinolento, e lembra tambem a pacificação. Pacificação! a data, para mim, mais

gloriosa dessa época!... Aí, os republicanos, que se bateram com valor, transigiram com dignidade, e os imperialistas, que os perseguiram com pertinácia, os receberam com amor.”

Depois da paz, Osorio acampou perto de Bagé. O conde de Caxias pediu que cabalasse por êle na eleição para senador. O Centauro era um aficionado da politica. Cabalou e venceu. Emquanto o seu general entrava na lista triplice dos candidatos á camara vitalicia, êle era eleito deputado provincial.

Após ter sido escolhido pelo Imperador, Caxias escreveu a Osorio, confessando o que lhe devia: “Já saberá que S. M. I no mêsmo dia em que chegou á Côrte a áta das eleições. escolheu-me senador por esta Provincia, isto é, completou a obra que V. S. e mais amigos principiaram”.

Em 1846, D. Pedro II visitou o Rio Grande do Sul. Tinha vinte anos de idade. Serviu-lhe de escolta o regimento de Osorio, todo montado em cavalos brancos.



A CALIFORNIA DO CHICO PEDRO

Em 1846, o tenente-coronel Osorio, eleito deputado provincial, não compareceu ás sessões da Assembléa Legislativa, porque precisava pôr ordem na estancia que possuía no Estado Oriental e que jazia em completo abandono. Como todos ou quasi todos os guerreiros daquela época, êle estava radicado á terra como criador e só substituiu os trabalhos da guerra ás tarefas da paz quando as circunstancias a isso o obrigavam.

Recebendo na estancia a noticia da morte de sua filhinha única partiu a consolar a esposa; porém, ao mesmo tempo, uma carta aflitissima de sua mãe, chamou-o com urgencia, porque um credor sem coração ameaçara penhorar os poucos bens que possuía. Osorio não chorou a filha e não consolou a companheira. O dever o levou á Caçapava, onde estava sua progenitora.

Cavalgando estrada á fóra, encontrou um conhecido de vista e fizeram viagem juntos. Notando certa tristeza nos modos do tenente-coronel, o outro amavelmente insistiu em saber o que o aborrecia e conseguiu que confessasse tudo.

— Que pensa fazer? indagou.

— Falar ao credor, explicar-lhe a nossa situação, obter um praso e, se fôr inexoravel, arranjar qualquer fórmula com que pagar-lhe.

— Não se preocupe, tornou o outro. Sua mãe não sofrerá o menor vexame. Tenho algumas quantias a receber em Caçapava e ponho-as dêse já á sua disposição.

— Mudamos, portanto, de credor.

— Mudam para um credor com coração...

— Obrigado! Aceito o favor.

— Não é favor. E' dever.

— Dever! Por que?

— Porque o bem se paga com o bem. Fui farrapo, durante a guerra civil. Perseguido, escondi-me uma noite em casa de sua mãe. Apesar de legalista, ela protegeu-me e salvou-me com sua presença de espirito.

Por sobre os pescoços dos cavalos, as mãos dos gaúchos, inimigos da vespera, amigos do dia, apertaram-se significativamente.

Depois dêsse incidente, tornou ao comando do seu regimento no acampamento do Pirai. O brigadeiro José Joaquim Coelho, comandante das armas, pensava dêle nessa ocasião o seguinte, que deixou escrito: “Bôa disposição física e saúde. Bôa conduta civil. Bôa conduta militar. Aplicação aos estudos de sua profissão. Muita aplicação aos serviços... Oficial bastante ativo, tem intelligencia e é muito capaz de comandar um corpo”.

Êle era o chefe de regimento que se insurgia francamente em documento público contra a redução das etapas dos pobres soldados, que *comeriam vento ou roubariam ao visindario*; e que censurava a incúria do Governo, afirmando que o exercito não póde ser como o salão de baile que sómente se prepara na hora da festa.

O general Caldwell confiou-lhe em 1847 o encargo de atravessar o Uruguai e, no territorio occidental, indagar — “das opiniões que circulavam nos povos vizinhos relativas á politica do Imperio, sobre a questão do Prata; das eventualidades que poderia trazer a solu-

ção do pleito em favor de Rosas, dos temores que agitavam os homens influentes dos dois Estados mais vizinhos do Brasil; e, finalmente, quais os meios que lhe pareciam mais proficuos para a duração da paz do Imperio”.

Executou a comissão, vencendo dificuldades e arriscando a vida, com discreção e habilidade. Apresentou minucioso relatório de suas observações, no qual afirmava esta grande verdade: “A riqueza do Brasil é o sonho dourado de toda essa gente”. Revelava, além do mais, as intrigas em que entravam Madariaga, Urquiza, Virasoro, Oribe, e Cáceres.

Ainda em 1848, de retorno de sua estância no territorio uruguaio, informava o comandante de tudo quanto se passava entre os nossos intranquillos vizinhos.

Sua atividade, repartida assim entre os trabalhos do campo, o comando do regimento e a observação dos perigos fronteiriços, era bastante grande para que tambem se occupasse da politica local, apoiando candidatos e insinuando idéas aos representantes do povo.

Corria o ano de 1849 e uma agitação sacudia a gente da fronteira. O caudilho Fran-

ciscão Pedro de Abreu, barão de Jacuí, conhecido pela antonomásia de Moringue, ajuntava gente nas imediações da estancia do capitão Garcez para uma audaciosa *razzia* no Uruguai, em represalia aos máus tratos e depredações cometidas contra estancieiros brasileiros pelas tropas de Manuel Oribe. Dêsde os tempos coloniais que brasileiros povoavam os campos desocupados existentes entre Arapeí e Quaraim, sujeitos de quando em vez ás imposições e violencias dos orientais. Naturalmente se davam respostas ao pé da letra e isso creava ás vezes um estado de guerra permanente.

Oribe, o Corta-cabeças, apoiado em Rosas, culminou nessa perseguição aos nossos patricios, forçando-os a deixar o territorio em oito dias sob pena de degolamento, proibindo-os de conduzir seus gados, embargando-lhes os bens, prendendo-os, espancando-os, obrigando-os a trabalhar, pondo-os no cêpo e martirizando-os. Chico Pedro queria uma desforra, uma represalia, que a prudencia do Governo Imperial temia pelas suas consequências perigosas para a paz continental. E Osorio foi encarregado de obstar a êsse movimento que se chamava, então, uma *california*.

A' frente de duzentos homens, embora contrariado no intimo, pois julgava que ao barão de Jacuí assistiam razões patrióticas para proceder como desejava, partiu para Upamarotim, onde os sub-chefes do Moringue, Severo e Calengo, reuniam guerrilheiros. Calengo dispersou o ajuntamento ao ter aviso de que se aproximava.

As operações contra o proprio barão fôram mais delicadas. Êle agia numa linha divisoria de 30 leguas e contava com a proteção dos habitantes de toda a fronteira.

Osorio recebeu de Don Tristan Azambuja, chefe do departamento uruguaio do Taquarembó, votos de bôa vinda e protestos de respeito, e preveniu lealmente Don Diego Lamas, chefe do departamento do Salto, da incursão de Chico Pedro, que foi acossado e obrigado a retirar sobre a fronteira do Quairaim, onde o prendeu o tenente-coronel Severino Ribeiro. Conduzido por uma escolta de seis homens, foi libertado no caminho por um bando de trinta gaúchos.

Apesar de sua generosidade, deixando preso sobre palavra o tenente do Moringue, Vicente Fialho, que tinha uma filha gravemente enferma; apesar da proteção que soltava

pelos caminhos outros presos importantes remetidos para Pelotas; apesar do sofrimento de seus oficiais e soldados, que não recebiam soldos e se afadigavam em marchas e contra-marchas, doentes e baldos de recursos medicos, limpou de perturbadores da ordem aquelas trinta leguas da fronteira.

Passando, depois, á zona fronteiriça do Quaraim, transtornou ali os novos planos que o incansavel Moringue preparava, até que, após muitas intrigas e trabalhos, terminou a famigerada *california*, cujos resultados, segundo Fernando Osorio, fôram êstes: “aggravação dos odios entre brasileiros e orientais oribistas, sacrificios de muitas vidas e reputações, fortunas mal adquiridas por alguns, pobreza de outros e, finalmente, um tropél de intrigas de más consequencias”.

Osorio desgostara a muitos, inclusive o barão de Jacuí. Varios ataques da imprensa demonstraram êsse desgosto. Porém êle defendeu-se com energia, documentadamente esmagando as acusações injustas que lhe fôram feitas.

Em Julho de 1850, o tenente-coronel Osorio recolhia-se com seus bravo 2º regimento á guarnição de Bagé. E, no começo de

1851, quando se tornaram muito tensas as relações entre o Governo Imperial e Oribe, que sitiava Montevideú, continuando a oprimir e maltratar os brasileiros residentes na Banda Oriental, foi para o acampamento do Trilha.

A guerra estava iminente.

A CARGA DE MONTE CASEROS

Como sempre, pela sua indole pacifica, estava o Brasil mal preparado para a guerra. No Rio Grande do Sul, apenas 5 mil homens de tropa de linha e uns 2 mil guardas nacionais. Aumentou-se logo a esquadra do Rio da Prata sob o comando de Grenfell, reuniu-se na fronteira o Exercito de linha em condições de entrar em campanha, procurou-se a aliança de Benjamim Virasoso, governador de Corrientes, e de Justo José de Urquiza, governador de Entre-Rios. Pelo convenio de 29 de maio de 1851, o Brasil uniu-se ofensiva e defensivamente com a Republica Uruguaia, ameaçada pela tirania de Rosas. E ao tenente-coronel Osorio se incumbiu de entender-se pessoalmente com Urquiza e Virasoro, de modo a que, quando se movesse o Exercito Imperial para invadir o territorio uruguaio, nenhuma dúvida mais houvesse do movimento das forças dos demais aliados.

“Em quinze dias estava de volta com sua missão perfeitamente desempenhada, excedendo completamente á expetativa do Governo, tal a presteza e o criterio com que se desenvolveu! Esteve com Urquiza, com Virasoro, com altas personagens dos países que visitou; tudo viu, tudo observou, de tudo informou-se convenientemente; e, á proporção que colhia as informações recomendadas nas *Instrucções* que levou, as remetia ao Governo para que não demorasse, por sua causa, o expediente (*)”.

Ao chegar a Uruguaiana, soube que o conde de Caxias fôra nomeado comandante em chefe do Exercito. Encontrou-se com o grande chefe em Orqueta e deu-lhe conta de sua missão. A 24 de julho, levantava acampamento. A 26, creava-se a Divisão da Esquerda, afim de proteger a fronteira, de Chuí a Bagé. Depois, Caxias seguiu para Sant’Ana do Livramento com dois batalhões de infantaria e o regimento de Osorio. Já Urquiza e Virasoro invadiam a Banda Oriental.

O general em chefe mandou Osorio entender-se com êles, para combinar as opera-

*) Historia do General Osorio.

ções. O Centauro fez, então, um reide glorioso, atravessando o pampa infestado de partidas oribistas com duas ordenanças, arrebatando cavalos, indo e voltando em poucos dias, e deixando convencionado com Urquiza que a junção dos imperiais e seus aliados se faria no Rio Negro.

A 28 de agosto, em Pontas do Cunha Piru estava organizado o Exercito Imperial em um comando geral de artilharia, 4 divisões e 14 brigadas, com o efetivo de dezeseis mil e duzentos homens. O regimento de Osorio, 2.º de cavalaria ligeira de linha com o 3.º de cavalaria da Guarda Nacional de Bagé compuseram a 2.ª brigada sob o comando do brigadeiro Manuel Marques de Souza, futuro conde de Porto Alegre.

No dia 4 de setembro de 1851, Caxias penetrava no territorio inimigo, vanguardeado por David Canabarro. Urquiza, mais adeantado, vendo que “avançava sem combater”, apressou sua marcha sobre Montevideu, que ha nove anos resistia aos horrores do assedio. “Nove longos anos de bombardeios e de sortidas, de fomes e de angústias, de medos e de martirios. A cidade heroica era o refugio daquêles que escaparam ao

Terror de Buenos Aires, escorraçados pela tirania de Rosas, e dela partiam os panfletos que denunciavam ao mundo assombrado a crueldade nunca vista do Tigre de Palermo (*).” Chamavam-lhe com justiça a Troia Americana. Urquiza seguia impellido pelo sentimento de argentinidade de apoderar-se da cidade invicta antes da chegada dos imperiais. Oribe fingiu escaramuçar com êle e acabou rendendo-se, em condições de salvar sua vida preciosa.

A’s primeiras noticias do que se passava, o conde de Caxias entregou o comando em chefe a Bento Manuel Ribeiro, um de seus divisionarios, e, em companhia de Osorio, escoltado pelo 2º regimento de cavalaria, partiu para o acampamento de Urquiza. Chegou tarde. A capitulação estava assinada.

Depois de alguma demora em Montevideú, o Exercito Imperial foi para a praça da Colonia do Sacramento, onde Caxias estabeleceu o quartel-general. O Brasil não movia guerra á nação argentina, porém á tirania pessoal de D. Juan Manuel de Rosas. Em virtude dêsse pensamento primacial, pela con-

(*) G. Barroso — “A guerra do Rosas”.

venção feita com os governadores rebeldes de Corrientes e Entre-Rios, ao general Urquiza competia passar o Paraná e operar contra Rosas, á frente de suas tropas e de contingentes dos seus aliados. O Exercito Imperial forneceria, para êsse fim, uma divisão de tres mil homens de infantaria, um regimento de cavalaria e duas baterias de artilharia. O Imperio daria mais cem mil patações mensais para as despesas.

Enquanto as forças sob o comando de Urquiza atacassem os rosinos nas suas fortes posições de Monte-Caseros, o grosso do Exercito de Caxias estaria pronto a embarcar nos transportes da esquadra, para apoderar-se de Buenos Aires, no caso dum insuccesso dos atacantes.

Da divisão posta ás ordens de Urquiza e entregue ao comando do brigadeiro Manuel Marques de Souza fez parte o regimento de Osorio. Ela embarcou a 17 de dezembro no porto da Colonia, nas corvetas a vapor *D. Afonso*, *D. Pedro II*, *D. Pedro* e *Recife*, que rebocavam as corvetas a vela *D. Francisca* e *União*, e o brigue *Caliope*. O pavilhão do chefe Grenfell tremulava no mastro grande da *D. Afonso*.

A esquadra forçou o passo do Tonelero, artilhado e guarnecido pelo general Lucio Mancilla e levou as tropas expedicionarias á ponta do Diamante. Unidas aos entrerianos, corrientinos e orientais, transpuseram o Arroyo de Medio, fronteira da provincia de Buenos Aires e, fazendo marchas penosas, curtindo fome e sede, chegaram no dia 2 de fevereiro de 1852 á ponte de Marques, no arroio Morón, deante das posições inimigas de Monte-Caseros e dos Santos Lugares. De-frontavam-se 26 mil aliados e 24 mil rosistas.

No dia 3, pela manhã, travou-se a batalha que libertou o povo argentino da tirania infame que o humilhava. O Exercito de Rosas occupava extensa linha em angulo obtuso com o riacho Morón, da quinta de Monte-Caseros aos edificios dos Santos Lugares. A' direita, a infantaria e a cavalaria de Pinedo, com a artilharia de Maza colocada em parapeitos, por trás de fósos, apoiando-se em casas, cujas sotéas estavam cheias de atiradores escolhidos. No centro, casas entrincheiradas, fósos, um pombal antigo transformado em reduto, cavalaria, infantaria e trinta canhões. A' esquerda, a infantaria de Diaz e a cavalaria de Lagos. De reserva, as

divisões de Sosa e Bustos. Gente “de presa, sem patria e sem lei, a escória de Buenos Aires e seus arredores (*).” E Rosas não tinha um verdadeiro general, como afirmou Ramos Mejia.

O Grande Exercito Aliado Libertador da America do Sul, como o denominavam Sarmiento e Titara, estendeu-se nas lombas fronteiras, tendo á esquerda os orientais de Cesar Diaz, ao centro os imperiais de Marques de Souza, menos o regimento de Osorio, e á direita as cavalaria e infantarias de Urquiza aumentadas com êsse regimento. “Entre seis e sete da manhã, iniciou-se a luta com violento fogo de artilharia dos dois lados. Chilavert diz que Rosas passou a cavalo pelas suas tropas, no meio de aclamações, dizendo-lhe rapidamente:

— Dou-lhe a honra de romper o fogo em primeiro lugar contra os imperiais:

Conta o futuro conde de Porto Alegre que Urquiza galopou pela testa de suas columnas, vivando o Brasil e o Imperador.

Máu grado as descargas de bala raza e

(*) Saldias — “Historia de la Confederacion Argentina.

de metralha, as cavalarias de Urquiza carregaram galhardamente a esquerda rosista e a pugna começou. A divisão de Lagos sustentou bem o choque da carga. Mas os cavaleiros de López avançaram em apoio do general em chefe e Lagos recuou, desfeito. Enquanto essas divisões se entrechocavam, a artilharia e a fusilaria dos parapeitos e casas fortificadas cobriam o campo de pelouros e balas. A infantaria rosista de Matias Rivero desenvolvia sua linha de atiradores, causando grande mal aos aliados. Cesar Diaz, no outro extremo da fila, era quasi detido no seu avanço pelos canhões adversos. Os infantess de Galán estavam imoveis. Foi quando Marques de Souza tomou as providencias que decidiriam a acção. Sua parte official deixa claramente ler isso nas entrelinhas, embora o tom impessoal, a concisão e a discreção com que narra os fatos.

Urquiza pretendeu envolver em silencio a brilhante atuação da divisão imperial. Cesar Diaz procurou tambem diminuir o valor decisivo da cooperação brasileira. Saldias e outros rezam pela mesma cartilha. Mas foi a formidavel infantaria do Imperio, sustentada pelo fogo das peças de Gonçalves Fontes,

que tomou a baioneta a artilharia parapeitada de Chilavert e as terríveis casas de sotéa, rompendo completamente a linha contrária. Na citada parte, Marques de Souza lamenta ter o general em chefe levado para a direita o regimento de Osorio, que, aliás, deu ali a mais brilhante e decisiva carga, porque ficára sem cavalaria para perseguir o inimigo em franca derrota (*).”

Pelas onze da manhã, os cavaleiros de Osorio carregavam os restos da ala esquerda de Rosas, enquanto os caçadores a pé de Marques de Souza rompiam o centro. A artilharia emudecia e Chilavert retirava em desordem diante dos imperiais, que se apoderavam a arma branca das casas de sotéa. Os últimos esquadrões da reserva eram envolvidos. Pelo campo só se viam fugitivos e armas abandonadas. Rosas, ferido no polegar, fugia a casco de cavalo para Buenos Aires, onde, disfarçado de marinheiro, embarcaria num navio inglês.

Osorio foi uma das grandes figuras da gloriosa jornada. Seus clavineiros flanquearam o inimigo. Seus lanceiros carregaram-no

(*) G. Barroso — “A guerra do Flôres”.

em manobras rápidas e audazes. A trote ,de espada desembainhada, o Centauro dos Pampas tomou uma bateria rosista. Marques de Souza proclamou sua ousadia. La Madrid glorificou-lhe a inaudita bravura. Mitre diz que o inimigo fugiu deante de seus cavaleiros, deixando um vasio. E a unica bandeira argentina tomada na batalha foi a de que se apoderou um soldado de Osorio, o bravo José Martins.

A 3 de março de 1852, quando a divisão brasileira vitoriosa partia de Buenos Aires, o Governo Imperial galardoava o herói de Morón, promovendo-o *ainda uma vez por merecimento no campo de batalha* a coronel. Quatro dias mais tarde, outorgava-lhe a Dignataria do Cruzeiro e, no dia 14 do mesmo mês, a Medalha de Distinção.

O HOMEM DE S. CRISTOVAM

Depois de ter aquartelado em Palermo, o regimento de Osorio voltou ao Rio Grande do Sul com escala por Santa Catarina. O Exercito seguiu o mêsmo caminho. Antes de regressar ao Rio de Janeiro, na hora da despedida aos amigos, o conde de Caxias disse ao coronel Espinola:

— Transmita êste abraço ao nosso Osorio. E' o maior guasca da Provincia que mais naipes ganhou e louros colheu em Morón (*). Dê-lhe êste recado e que disponha de mais um amigo na Côrte.

Livre da guerra, Osorio entrou na politica. Tinha uma atividade incansavel e seu patriotismo procurava por todos os meios servir ao Brasil. Não se batia nas urnas por vai-

(*) Batalha do Morón, dos Santos Lugares ou de Monte-Caseros.

dade ou para satisfazer odios pessoais. Por isso defendeu as candidaturas do barão de Porto Alegre e de Oliveira Belo contra a liga de Pedro Chaves e do dr. Barcelos. E apoiou o governo provincial de Sinimbú.

Eis, porém, que, em 1854, de novo se toldam os horizontes platinos. Rebenta em Montevideu um movimento revolucionario *colorado* contra o partido *blanco*, então no poder. O brigadeiro Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, um dos vencedores de Monte-Caseros, comandante da fronteira do Jaguarão, recomendou-lhe a maior vigilancia para que no territorio riograndense “não se manifestasse adesão ao movimento por forma alguma”. Pouco depois, organiza-se em Bagé uma Divisão de Observação, da qual faz parte com o seu regimento.

A revolução *colorada* tomou o poder ao presidente Giró e pediu o apoio do Imperio, de acordo com o tratado de amizade e aliança de 12 de outubro de 1851. O Governo Imperial ordenou, pois, que a Divisão de Observação entrasse no territorio uruguaio. A Osorio foi dado o comando da 2ª brigada. Era o primeiro passo para o generalato.

A divisão, com o efetivo de 4 mil homens, sob as ordens do brigadeiro Francisco Felix, chegou ás portas de Montevidéu no dia 2 de maio e entrou na cidade na manhã seguinte, saúdada pela artilharia da Esquadra Brasileira surta no porto, aquartelando na Unión. Como as legiões romanas outrora, ela trazia a paz, a ordem e a segurança dos direitos individuais. Governo e povo cumularam-na de obsequios e homenagens.

Em junho, constando que os *blancos* pretendiam atacar as nossas tropas, o plenipotenciario Amaral combinou com o brigadeiro mandar pessoa de confiança á Campanha saber o que havia e observar se os adversarios do Governo Oriental dispunham de recursos. Um unico homem era capaz dessa missão pelo seu profundo conhecimento dos homens e da terra, pela sua habilidade e coragem comprovadas: o coronel Osorio, *gaúcho fino*, como dizia o diplomata. Francisco Felix falou-lhe e êle partiu com 12 homens, sob o pretexto de ir á sua estancia. De volta, trouxe a segurança da falsidade do boato alarmante.

Tranquilizado o país, o presidente Venancio Flôres convocou o povo ás eleições. Os

emigrados politicos volveram á pátria, mas receosos. E um dêles, Ventura Coronel, escreveu a Osorio para saber se êle e seus amigos contavam ao certo com garantias. O coronel respondeu-lhe que tudo fazia crer que as eleições seriam livres. O conceito e o prestigio de que gosava em Montevidéu parece que enciumaram Amaral e Francisco Felix, sobretudo porque a bôca pequena ali se dizia que êle devia ser o comandante da divisão brasileira. O certo é que o Governo Imperial, alegando a necessidade duma pessoa de confiança na fronteira de S. Borja, enquanto se faziam as negociações de Pedro Ferreira em Assunção, para êsse posto o transferiu.

Partiu a cavalo. Antes, despediu-se de seu querido 2º regimento, “amigo leal, bravo, heroico e glorioso, a quem amava como a propria familia.” Alguns soldados o acompanharam até fóra da cidade.

Esperava-o na cidade lindeira carinhosa e entusiasta manifestação de seu partido. O povo, que o conhecia sómente pelos seus feitos gloriosos, aclamou-o nas ruas.

Durante o tempo em que, retirado do commando da brigada que fazia parte da divisão de occupação do Uruguai, serviu de atalaia na

fronteira contra qualquer movimento hostil dos paraguaios, aos quais estava destinado a vencer, bateu-se pelo progresso de S. Borja, arranjando professores para instruir as crianças e advogados para defender os direitos do povo. Também galhardamente se saiu dum caso de pretensos moedeiros falsos, em que a intriga local o procurou envolver. Meteu-se, como era seu costume e prazer, nas lutas políticas, defendendo seus amigos e o Governo da Provincia, e recusando todo e qualquer proveito pessoal.

Após diversas perturbações da ordem na Banda Oriental que trouxeram por fim a renúncia de Flôres á presidencia e a eleição de Gabriel Pereira, a divisão brasileira deixou Montevidéu, repassou a fronteira e acampou em 19 de dezembro de 1855 no Pirai-Grande com o nome de Divisão de Observação.

Em março de 1856, segundo desejos de Osorio, o 2º regimento era encaminhado para S. Borja. Ele continuou no comando duma brigada, da qual fez parte seu velho e querido corpo. Juntou-se, assim, novamente aos antigos e leais companheiros de lutas pela Grande Patria Brasileira.

Sua ação na politica local irritou alguns.

influentes e daí os ataques que sofreu, até no próprio Senado, como a verrina do barão de Quaraím, que provocou incisivas contestações. O próprio Osorio, pela imprensa, documentou a sua parcialidade. As acusações do barão fôram como a poeira da estrada, que a gente é forçada a receber, mas limpa no primeiro pouso. Tiveram tão pequena repercussão que, tres meses depois de feitas, o Governo Imperial o graduava em brigadeiro. Nos canhões de sua farda gloriosa podiam faúlhar agora as palmas douradas de carvalho e dos seus ombros caírem os canutões das dragonas de general.

Essa promoção lhe foi annunciada de S. Gabriel a 29 de dezembro de 1856 pelo brigadeiro Francisco de Paula de Macedo Rangel, o qual num posto inferior havia assentado praça e feito prestar juramento a Osorio na campanha da independencia. O cadete daquêle tempo emparelhava-se agora ao velho official general, que, em lugar de se aborrecer, lhe escrevia relembrando alegre essa coincidencia.

A atividade de Osorio dera vida á antiga missão jesuitica da fronteira. Ele era um animador de energias e um centralizador

de esforços. Assim, a velha S. Borja, que parecia o seu degredo, transformou-se num centro de influencia politica. Os seus adversarios procuraram afastá-lo dali, mas nada conseguiram.

“Havia nas antigas Missões, que formavam a rica comarca de S. Borja, lembranças e tradição de existir á margem do grande rio um campo extenso, que fôra povoado pelos jesuitas, e celebre pela riqueza de seus hervaes e pela particularidade de sua criação bovina, da qual lhe veio o titulo de *Campo das Vacas Brancas*. Essa fama, que se ia perpetuando de umas a outras gerações, tinha despertado a cobiça de muitos aventureiros; mas, sempre frustradas, as suas empresas acabaram por se fazer raras (*).” Os bandeirantes sertanejos que tentaram romper as brenhas em sua busca, fôram escorraçados pelos bugres. O Governo Provincial encarregou Osorio da descoberta de tais campos. E êle escolheu homens decididos e audazes, que, guiados pelo capitão Tristão de Araujo Nobrega, levaram a cabo a tarefa, achando precioso e imenso herval entre os rios Pindaí

(*) “Historia do general Osorio”.

e Sebolati. Anos mais tarde, quando lhe quis dar o titulo nobiliarquico, o Imperador lembrou-se dêsse fato e o fez barão do Herval.

Em abril de 1858, depois de ter vigiado a raia em S. Borja, comandado a 1ª brigada da 1ª divisão do corpo de exercito de observação de Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, preparado contra qualquer aggressão do Paraguai, e a fronteira do Jaguarão, em vista da revolução uruguaia que culminou na horrenda matança de Quinteros, D. Pedro II condecorou-o com a comenda da Rosa.

As lutas politicas, das quais continuou a participar, trouxeram em consequencia uma perseguição que Caxias lamentou em cartas de absoluta franqueza. Recusou-se a firmar um abaixo assinado de apoio ao Governo Provincial e o resultado foi a tentativa de afastá-lo da Provincia, nomeando-o Inspetor das Cavalarias do Norte. “Oportunamente passou o comando da fronteira ao coronel Brandão e foi rapidamente á sua estancia, vendeu algum gado para fazer recursos, volveu a Jaguarão, proporcionou á familia as comodidades de que poderia precisar durante sua ausencia, e, fazendo todas as despesas da viagem á propria custa, seguiu para o Rio de Ja-

neiro, acompanhado pelo soldado de nome Marcelino Bety (*).”

Chegou á Côrte em março de 1859 e hospedou-se em casa de seu amigo o senador Cândido Batista de Oliveira. Outro gabinete ministerial governava o país. Manuel Felizardo de Souza e Melo, ministro da Guerra, recebeu-o com a maior simpatia e o Imperador disse-lhe em S. Cristovam, quando pela primeira vez se viram:

— Sei que não está satisfeito por o haverem afastado de sua terra. Os senhores Riograndenses são muito agarrados á sua Provincia. Deixe estar, porém, que não irá a Pernambuco.

Osorio retrucou que iria a qualquer parte onde o mandasse o Governo, para servir á nação; porém que o desgostára a maneira por que o haviam tratado, deportando-o, só por se ter recusado á assinatura dum papel que sua dignidade repelia.

O soberano declarou que procedera bem e aconselhou-o a fazer a inspecção das cavalarias da Côrte com presteza, porque mais cedo voltaria ao Rio Grande.

(*) “Historia do general Osorio”.

A 16 de maio apresentava o relatório de inspeção, a 4 de junho recebia ordem de regressar aos pagos, a 18 era efetivado no posto de brigadeiro (*) e a 20 seguia viagem para o sul.

Em janeiro de 1860, reassumia o comando do seu bravo 2º regimento e da fronteira de Bagé, sendo recebido com grandes demonstrações de alegria. E de novo entrava no cipoal da politica, tentando organizar o partido liberal e lançando aos quatro ventos o nome de Felix Xavier da Cunha como candidato a deputado. Ferveram as intrigas e uma delas foi a que teceu o barão de Porto Alegre, adversario politico de Osorio, a proposito duma viagem dêste á Banda Oriental para zelar pelos interesses da estancia que ali possuia. Manuel Marques de Souza escreveu a Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, na Côrte, dizendo que Osorio estava promovendo a anexação do Rio Grande ao Uruguai e pedindo que chamasse para isso a atenção do Governo. Quando a carta chegou,

(*) Os postos de official general na monarquia eram os seguintes: 8 brigadeiros, 4 marechaes de campo, 1 tenente-general e 1 marechal do Exercito.

Francisco Felix tinha morrido. A viuva abriu-a e mandou entregá-la ao conde de Caxias, presidente do Conselho de Ministros, que não acreditou nela e a mostrou a seus colegas de ministerio e ao Imperador, para que vissem como se acusava um homem sem base. Mais tarde, o dr. Oliveira Belo levava ao soberano a longa missiva em que Osorio pulverizava a invencionice. D. Pedro II leu-a e restituiu-a com um sorriso:

— Diga ao brigadeiro Osorio que não vale a pena falar mais nisso.

O brigadeiro Osorio não falou mais nisso, é verdade. Continuou, porém, a occupar-se e a falar de politica, que era, como diz o povo, a sua cachaça. Graças a seus esforços, estava formado o partido liberal na Provincia. E, como tinha apresentado Feliz Xavier da Cunha, dando inicio á sua brilhante carreira, fez de Gaspar da Silveira Martins seu candidato á Assembléa Provincial. A escolha de moços de talento como êsses, destinados a luminosos futuros, demonstram que o Centauro era sincero quando proclamava que os partidos devem procurar o merito onde quer que se encontre.

De 1861 a 1864 entreteve-o a politica,

desenvolvendo grande atividade nas pugnas eleitorais e até fundando jornais para sustentar os principios de seu partido. Tudo isso naturalmente fez com que outra vez a intriga procurasse afastá-lo do Rio Grande, prevalecendo-se de sua qualidade de militar. Com effeito, em abril de 1864, um aviso do ministro da Guerra mandou-o apresentar na Côrte. Partiu entre ovações e, no Rio, soube que a accusação que lhe faziam era a mesma de outra epoca; concertar com os caudilhos orientais a separação do Rio Grande.

Hospedado em casa do conselheiro Candido Batista de Oliveira, recebeu a visita de Caxias, que tudo lhe contou, acentuando que o grande desejo de seus adversarios era enviá-lo ás Provincias do Norte. E concluiu:

— Tranquilise-se, contudo. *Alguem* embargará o pedido.

— Não creio. Já fiz metade do caminho.

— E' verdade; mas, quando o Imperador souber dessa injustiça, intervirá.

— E êle a ignora?

— Estou certo, como ignora muitas outras cousas. O meu camarada nem avalia o que se passa. Fale a Sua Majestade franca-

mente e verá o resultado. Eu também lhe direi duas palavras.

No dia seguinte, Osorio subia as escadarias do paço de S. Cristovam. D. Pedro II recebeu-o afavelmente.

— Que noticias tem de sua terra? indagou com a sua voz fina e aflautada.

— As noticias que me chegam — retrucou o general — são as de que por lá se diz que o Governo não tem serviço nenhum a dar-me, aqui me retém por simples conveniencia eleitoral e quer deportar-me para o Norte, afim de satisfazer meus adversarios politicos.

Com um gesto de descontentamento, o soberano exclamou:

— E' grave! O ministro da Guerra disse-me que o mandára chamar para ouvi-lo sobre assuntos militares urgentes.

— Senhor — explicou o brigadeiro — o ministro que me chamou não é o mesmo que hoje governa. Estou aqui ha muitos dias e não recebi ordem alguma, de modo que julgo ser a tal urgencia simples fantasia e verdadeiras as noticias correntes na minha terra.

— Bem, disse o Imperador, tomarei em

consideração suas palavras e ouvirei o ministro a respeito.

E, mudando subitamente de assunto:

— Por que não requer a comenda de Aviz?

— Para não parecer que sirvo á patria, disputando recompensas.

— Não, senhor, requeira. A lei manda condecorar todos os officiaes que contem 35 anos de bons serviços. O senhor tem mais do que isso. Requeira o que lhe compete. Não lhe farão favor. E' lei.

Em julho, a comenda de Aviz lhe foi concedida.

Depois dessa conversa com o soberano, Caxias esteve no Paço e escreveu-lhe, dizendo que se preparasse para voltar ao Rio Grande, pois *Alguem* fôra de sua opinião. Conversou com o ministro da Guerra e esperou até agosto, quando recebeu ordem laconica para regressar.

Ao embarcar para o Rio Grande, o conde de Caxias veio trazer-lhe seu abraço de despedida e disse-lhe ao ouvido.

— O *homem* de S. Cristovam manda-lhe perguntar se não é possivel você deixar de ser tão politico?

Osorio sussurrou ao velho chefe:

— Diga-lhe que não, enquanto a lei não me privar dos direitos de cidadão brasileiro.

E, abraçados, os dois grandes cabos de guerra, o Centauro dos Pampas e a Espada do Imperio, riram com vontade.

Osorio poderia acrescentar que isso lhe era impossivel por estar a politica na massa de seu sangue. Mas o pedido do *homem* de S. Cristovam tinha sua alta razão de ser, porque tres vezes êle embargára as intrigas contra Osorio.

A GUERRA DO FLÔRES

Mais uma revolução dos *colorados* contra os *blancos*, na agitada Banda Oriental, ameaçou a paz do continente em 1864. Venancio Flôres queria apear do poder o presidente Berro e dêsde 1863 lutava contra êle em campo raso. Os brasileiros residentes no Uruguai envolveram-se nêsses acontecimentos, favorecendo os partidarios de Flôres sob o pretexto de perseguições sofridas por parte dos dominadores do país. Com efeito, os *blancos* devastavam as propriedades de nossos patricios e não respeitavam mêsmo as suas vidas. As reclamações choveram junto ao Governo Imperial e delas se fez energico procurador o prestigioso general Antonio de Souza Neto, um dos grandes estancieiros rio-grandenses da Banda Oriental.

A 1º de março de 1864, o presidente Berro ,terminando seu mandato, passou o go-

verno ao presidente Aguirre. O conselheiro José Antonio Saraiva, enviado ao Uruguai, enquanto se elevava o efetivo da força naval brasileira em Montevideú, sob o comando do vice-almirante Tamandaré, e o marechal de campo João Propicio Mena Berreto reunia na fronteira um pequeno exercito de observação, apresentou ultimatum para sêrem atendidas as reclamações do Imperio. O Governo Oriental desatendeu-o. Então, Saraiva partiu para Buenos Aires e Tamandaré iniciou represalias, inutilizando os dois unicos vapores de guerra da República. E as nossas tropas aproximaram-se da fronteira.

Em novembro, Flôres atacava a cidade do Salto, que se rendia, e marchava sobre Paisandú, comandada por Leandro Gomez e disposta a uma resistencia tenaz. Tamandaré bloqueou-a. O Exercito *Colorado* e as nossas tropas de desembarque assediaram-na. Mas, certos de que não dispunham de recursos bellicos suficientes para tomá-la de assalto, resolveram esperar o Exercito Imperial.

Esse Exercito, nas vésperas do conflito, João Propicio criava-o quasi do nada na fronteira da heroica provincia do Rio Grande. "O Governo ordenára-lhe textualmente isto: —

organizar com pressa e marchar. Êle organizou com pressa e marchou. De alguns cascos de batalhões de linha e Guarda Nacional formou aquêlê pequeno exercito, que se chamou Exercito do Sul, com escasso armamento e quasi sem dinheiro. Um esforço herculeo! Um prodigio de patriotismo! Deixára no Pirai Grande mór parte da impedimenta e penetrara no territorio inimigo sómente com setenta tiros para cada peça, afim de aligeirar a carga. Demorára na serra do Aceguá, esperando concentrações e só a 29 de dezembro lhe fôra possível aproximar-se de Paisandú (*).”

Osorio fazia parte dêsse exercito. O destino faria com que, mais tarde, o comandasse e desenvolvesse, preparando-o para as primeiras vitórias no Paraguai. Ainda estava na Côrte quando se turvaram as aguas da politica platina. Caxias dissera, então, a D. Pedro II:

— O brigadeiro Osorio é um experimentado official de cavalaria, querido pelas tropas, capaz de dirigi-las e instrui-las. Não consinta, portanto, na perseguição que lhe

(*) G. Barroso — “A guerra do Flôres”.

movem, nem deixe que o mandem para o Norte e nem admita que o desgostem, obrigando-o a pedir reforma. Se tivermos guerra, êle nos fará muita falta.

João Propicio, no entanto, era seu adversario e nada faria para que demonstrasse suas altas qualidades de soldado. Na organização do Exercito, composto de duas divisões de tres brigadas cada uma e dum parque de artilharia com 12 peças, coube-lhe o comando da 1ª divisão. Com ela rompeu a marcha da invasão na manhã de 25 de novembro, bandeiras desfraldadas, musicas, tambores, cornetas e clarins tocando, no estilo das guerras de antanho.

Nos dias 26 e 27, exercitou suas tropas á margem do Pirai. No dia 28, acampou no passo da Viola, aguardando o comandante em chefe que bivacou a meia legua de distancia até o dia 30. E, no dia 1º de dezembro, todo o Exercito entrou no territorio uruguaio pelas ilhas de S. Luiz.

As marchas fôram lentamente feitas, por etapas de tres leguas, servindo de batedores, na vanguarda, os Voluntarios Rio-grandenses de Cavalaria do general Neto. Os soldados, na maioria bisonhos, iam recebendo

instrução depois das caminhadas, dia a dia. Estavam mal armados e a munição era pouca, sobretudo a de artilharia. As guardas avançadas de Osorio traziam-no ao corrente da posição e movimentos do general inimigo Juan Sáa, conhecido pela antonomásia de Lança Sêca, que, com 3 mil homens e 4 bôcas de fogo, fôra mandado em socorro da praça sitiada. O Exercito não encontrou o menor impecílio no caminho. Tamandaré e Flôres suspenderam as operações contra a cidade, esperando o marechal João Propicio, que apressou a marcha e acampou a 29 de dezembro em S. Francisco, a legua e meia de Paisandú. “Aí deixou a força de cavalaria sob o comando do brigadeiro Osorio, e, com as duas brigadas de infantaria e as baterias de artilharia, foi acampar nêsse mesmo dia nas imediações da cidade.”

O ataque foi dado no dia 31, ás nove horas da manhã. Avançaram as brigadas de infantaria de Carlos Resin e Antonio de Sampaio, afim de tomarem as casas fortificadas pelo inimigo. Enquanto Venancio Flôres, com sua pouca gente, atacava o flanco esquerdo, os imperiais entravam pelo direito e pela frente. As posições guarnecidas pelos

uruguaaios e valentemente defendidas fôram tomadas uma a uma, depois de tenaz e mortífera luta. O avanço se fez palmo a palmo sob a proteção do fogo das La Hitte de campanha até que a noite caíu. Na manhã seguinte, 1º de janeiro, os brasileiros, que haviam conservado os pontos tomados na véspera, prosseguiram a peleja, que durou até a manhã do dia 2, quando as bandeiras vitoriosas do Imperio tremularam sobre a cidade. Cincoenta e duas horas de tiroteios e combates a arma branca, em que tombaram mortos e feridos 582 dos nossos e entre elles o bravo coronel Resin, que se salvou para praticar novos feitos nos campos do Paraguai! Tomámos quinze peças, varias bandeiras, 700 prisioneiros, 2 mil espingardas, e encontramos 450 orientais mortos ou feridos. O coronel Leandro Gomes, defensor da praça, foi aprisionado pelo tenente-coronel Oliveira Belo, diz o visconde de S. Gabriel, acrescentando: “que o entregou ao coronel oriental Goyo Suarez, em virtude de reclamá-lo êste em nome do general Flôres e preferir aquêle segui-lo. Daí a poucos momentos eramos informados daquêle fáto e de que Leandro Gomes, com dois ou tres officiais, tinham sido

fusilados. Não pude conter a indignação que se apoderou de mim por ver manchar assim uma tão esplendida vitória (*).”

Na sua ordem do dia alusiva á tomada de Paisandú, escreveu o marechal João Propício: “... sendo o exmo. sr. brigadeiro Manuel Luiz Osorio, comandante da 1ª divisão, o mais graduado dos officiaes que se acham sob o meu comando, ficou s. ex. á frente das brigadas de cavalaria que estavam acampadas junto ao arroio S. Francisco, a legua e meia da cidade de Paisandú.”

“O Exercito leu com desgosto — comenta — judiciosamente a *História do general Osorio* — essa ordem do dia. Pelo modo por que estão escritas aquellas palavras, parece que o brigadeiro Osorio ficou — em posição que escolheu —, quando assim não foi, mas, por determinação do general em chefe, que o deixou, á frente das cavalarias, afastado do lugar do combate.” Viu-se nessa referencia uma pirraça de ordem politica e até os jornais estranharam a ironia de mau gosto.

(*) Officio do marechal João Propicio ao ministro da Guerra.

Osorio estava acima dessas ninharias e mais acima ainda se elevaria em pouco tempo a sua gloria de batalhador. E manifestou-se sempre a proposito do caso de maneira a dar um exemplo de respeito ao general em chefe, que era, aliás, um grande soldado.

Depois da tomada de Paisandú, o Exército Imperial marchou sobre Montevideú, infantarias e artilharias embarcados nos navios de Tamandaré, cavalarias por terra sob as ordens de Osorio. A capital uruguaia era presa de grande agitação. O povo exaltado arrastava pela lama das ruas a nossa bandeira. As nossas tropas vinham vingar essa afronta. João Propicio, gravemente enfermo, entregou o comando das linhas de sitio ao Centauro dos Pampas. Foi o tempo que D. Tomás Villalba, vice-presidente do Senado, assumiu a presidencia da Republica interinamente, substituindo Aguirre, que se retirara, e que ,por intermedio do nosso enviado Paranhos, depois visconde do Rio Branco, se fez uma convenção de paz entre Herrera y Obes e o general Flôres.

Mas á guerra que se apagava daquela fórma rápida e relativamente pouco sangrenta ia succeder outra que duraria um lus-

tro, custaria a vida de centenas de milhares de homens, aniquilaria um povo e faria de O'sorio um dos maiores heróis do Brasil. O Governo do Paraguai, nas mãos despoticas de Francisco Solano Lopez, herdeiro testamentario da curul ditatorial de seu pai Carlos Anotnio Lopez, procurára ser o mediador entre o Imperio e a Banda Oriental, ao tempo da missão Saraiva. O gabinete de São Cristovam aprovou a resolução do seu enviado declarando sem objeto a mediação paraguaia e agradecendo o oferecimento de Lopez. Mas, quando foi apresentado o ultimatum imperial ao governo de Montevideú, o de Assunção declarou que não poderia ver com indiferença a attitude do Imperio, muito menos consentir que forças brasileiras occupassem permanente ou temporariamente o territorio oriental. Considerava isso atentado ao equilibrio dos Estados do Prata e ameaça á segurança da nação paraguaia. Protestava, portanto, afastando de si qualquer responsabilidade pelas consequencias de sua declaração.

Viana de Lima, nosso ministro em Assunção, respondeu justificando a intervenção imperial no Uruguai em favor dos brasileiros espoliados e perseguidos, e assegurando

que nenhuma consideração o deteria no cumprimento dêsse dever. Em 3 de setembro de 1864, o governo paraguaio contestava-lhe, reafirmando o seu protesto no caso de se efetivarem as medidas de represalia por parte do Brasil. Tamandaré executou-as contra o vapor *Vila del Salto* e, no dia 12 de novembro, Lopez, violando o direito das gentes, sem prévia declaração de guerra, mandava apresar o paquete brasileiro *Marquês de Olinda*, que levava para Mato Grosso o novo presidente dessa provincia, coronel de engenheiros Carneiro de Campos. Declarou immediatamente rôtas as relações com o Imperio; impediu a navegação fluvial para as bandeiras do Brasil, e preparou-se para a luta. Em dezembro, invadia a indefesa e longinqua provincia de Mato Grosso, praticando as suas tropas ali os mais terriveis saques e atrocidades. Em janeiro, solicitava o consentimento da Argentina para que transitassem pela provincia de Corrientes as tropas destinadas a invadir o Brasil pelo Rio Grande do Sul. Em fevereiro, o Governo Argentino recusava êsse consentimento. E, prescindindo dêle o Exercito de Lopez pisava o territorio vizinho, desafiando a colera da nação platina.

Para essa nova guerra, o Imperio não estava preparado, enquanto que o Paraguai, inteiramente militarizado e armado até os dentes, era a Prussia da America do Sul, e do conflito fizera o seu sonho de expansão para o mar e de predominio na politica do Prata. O núcleo de tropas que ia servir de base á organização do Exercito Brasileiro destinado a repelir o invasor e a batê-lo dentro de suas selvas, banhados e cordilheiras era o das divisões que o marechal João Procopio, agora doente, levára á Banda Ocidental. A' frente duma delas estava Osorio e, como era o mais graduado, coube-lhe o comando em chefe. Ia-se revelar organizador infatigavel, tão grande em tirar do nada as suas legiões de bravos como a arrebatá-los pela voz e pelo gesto nas horas terriveis da batalha.

Moralização e disciplina. Foi êste o seu programa. Os voluntarios da Patria que vinham de todos os pontos do Brasil enquadravam-se nas tropas veteranas. A artilharia era reorganizada e exercitada. Os serviços auxiliares ampliados e regularizados. Dentro em pouco, mais de treze mil homens estavam prontos para a luta no territorio da antiga Cisplatina.

Celebrou-se o tratado da Triplice Aliança entre o Imperio, a Argentina e o Uruguai, em Buenos Aires, com a presença de Mitre, Otaviano, Osorio, Flores e Urquiza. Depois, êle voltou a Montevideú e continuou a sua ingente tarefa de organização. Nada esquecia: cavalladas, munições, transportes, medicos, tudo solicitava a sua operosidade. Trabalhava dia e noite, e preparava a mudança do Exército do acampamento de S. Francisco para o norte da barra do Dayman, contratando vapores que o conduzissem.

No dia 5 de junho, o ministro Otaviano comunicava-lhe de Montevideú sua nomeação efetiva para o comando em chefe do Exército Imperial. Pouco tempo depois, a concentração aliada se fazia em Concordia e chegavam os primeiros soldados argentinos — 600 homens de infantaria.

A 11 de junho, Barroso derrotava no Riachuelo a esquadra de Lopez, ao mesmo tempo quasi que a columna de Estigarribia chegava á fronteira do Rio Grande pelo passo de São Borja. Estava destinada a render-se em Uruguaiana em presença de D. Pedro II, como a columna de Duarte a ser esmagada em Jataí

pelos argentinos, brasileiros e orientais de Paunero, Flôres e Kelly.

Em função do tratado da Triplice Aliança, o brigadeiro-general Bartolomeu Mitre, presidente da Confederação Argentina, assumiu na Concordia o comando em chefe dos Exercitos Aliados, que marchavam ao encontro dos paraguaioes de Robles, invasores de Corrientes.

O PASSO DA PATRIA

O general Urquiza, com quem todos contavam para dar combate aos paraguaios, veio a Concordia protestar que a Provincia de Entre-Rios se levantaria em armas contra Lopez até arrancar-lhe as satisfações devidas pelo insulto atirado a toda a nação argentina. Receberam-no com grandes atenções Mitre e Osorio, seus antigos aliados no grande dia de Monte-Caseros. Em sua companhia, o senhor feudal do Paraná passou em revista o Exercito Aliado, causando-lhe magnifica impressão as tropas brasileiras organizadas pelo seu comandante em chefe, sobretudo a artilharia. Prometeu aluviões de lanceiros e foi-se. Regressando da parada, o Centauro recebeu a noticia de ter sido promovido a marechal de campo (*).

(*) Equivalente hoje a general de divisão.

A situação militar em que nos achavamos nêsse ano de 1865 era de entibiar um chefe menos pratico e decidido do que Osorio, que aprendera a *disciplina prestante* na grande escola dos campos de batalha. Não estávamos preparados para um choque com os 30 mil inimigos, flôr das tropas lopistas, que, sob o comando de Robles, invadiam Corrientes; tínhamos o Rio Grande atacado e o sul de Mato Grosso em poder das hostes contrarias; reuníamos com dificuldade os nossos batalhões no territorio entreriano, feudo de Urquiza, que parecia ter inteligencias com o ditador de Assunção; a população que nos cercava claramente sympathizava com a causa paraguaia; e a mudança de clima, de alimentação, a aglomeração de tantos homens em lugares pouco salubres enchiam nossos hospitaes de enfermos, e, de mortos, diariamente, a vala comâm. Mas ninguém desanimava, porque todos sabiam que Osorio estava ali e que Osorio não desanimava nunca.

A tarefa da concentração e organização do Exercito Imperial em Dayman e Concoridia não recebe em cheio os refletores da gloria e fica sempre numa meia luz de esquecimento. Falta-lhe o brilho das epopéas. Não

a apregôam as fanfarras da vitória. Não a saúdam os clarins das cargas gloriosas. Entretanto, ela vale mais do que dez batalhas, porque foi a base de todas as operações e o exito de toda uma campanha dela dependeu. Foi ela, pois, que Osorio teve de realizar, vencendo milhares de tropeços, antes de penetrar de lança em riste no ínvio territorio inimigo.

A demora em Concordia foi grande. A Argentina, com excepção de Buenos Aires, era infensa á guerra e recusava-se a ela. Com difficuldade se conseguiam recrutas, que era necessario instruir depressa. O trem de campanha vinha a custo. E as mãos do Governo se estendiam vasías para o erario imperial...

Osorio cuidava de tudo: reunião de tropas, instrução de recrutas, enquadramento de voluntarios, remonta, fornecimentos, transportes, provimentos de postos e comandos, disciplina, vigilancia, fardamento, mil problemas diariamente resolvidos e diariamente renascentes. Trabalho para exaurir um homem em poucas semanas. Resistiu á exaustão, aos óbices burocraticos e venceu.

A's tres horas da tarde do dia 18 de agosto, um mensageiro entra a cavalo pelo

acampamento brasileiro, lançando este anúncio :

— Vencemos em Jataí!

Era a primeira noticia do esmagamento da colúna Duarte, que operava na retaguarda de Osorio, pelos soldados de Flôres, Paunero e Coelho Kelly. O Exercito bivacava á margem do Aiuí Grande. Daí foi para o Galegai-Chico, onde se soube que a esquadra forçava a passagem de Cuevas. A sua marcha era lenta e regular. Ao toque de alvorada, todos se preparavam, desarmando barracas, atrelando os animais de tiro, ensilhando as montarias e albardando os cargueiros, enquanto os quarteis-mestres reuniam bagagens e mulheres. Guardas do campo, ordenanças e piquetes recolhiam-se a seus corpos. A pagadoria com sua escolta punha-se á retaguarda da última bateria. A bagagem, no flanco reverso, á distancia duns oitenta passos. As cavalhadas, no flanco da bagagem, á distancia duns cem passos. Corpos e brigadas intervalados por espaços de 24 passos. Divisões intervaladas por espaços de cem. O transporte, na cauda da coluna, o mais reunido possível, com as munições de infantaria em primeiro lugar. Depois, o hospital. Além da

guarda da retaguarda, o Comercio. Um corpo de cavalaria vanguardeando. Assim, avançou até o arroio Mandisobi-Chico e até o Mandisobi-Grande, onde um aviso do ministro da Guerra, conselheiro Ferraz, mais tarde barão de Uruguaiana, comunicava a chegada ás linhas de sitio dessa cidade de Sua Majestade o Imperador, acompanhado de seus genros conde d'Eu e duque de Saxe, e de seu estado-maior, do qual faziam parte o conde de Caxias, Silva Cabral, barão de Itapagipe, e Beaurepaire Rohan.

Dias mais tarde, após o toque de silencio, um official argentino apeou-se do cavalo á porta da barraca de Osorio e entregou-lhe um bilhete escrito ás pressas pelo ministro da Guerra, noticiando a rendição de Uruguaiana. Na manhã seguinte, o seu corneta de ordens tocava duas vezes a alvorada, o que era um sinal de triumpho.

Sob chuviolos, arrastando pelas lamas dos máus caminhos e dos campos as carretas da impedimenta, deixando um trilho de ossadas de bois e de cavalos, o Exercito Brasileiro rompeu o territorio argentino até Cuenca, perto de Mercedes, onde, no dia 20 de outubro de 1865, se ajuntaram os tres

chefes aliados: Osorio, Mitre e Flôres. A 23, a cavalaria argentina do general Cáceres entrava em Corrientes, que os paraguaaios haviam evacuado. Comandava-os agora o general Resquin, pois Robles, que nada soubera fazer com os seus 30 mil homens, fôra destituído e preso. A 25, a Esquadra Imperial ancorava no porto da cidade reconquistada. Começava o recúo dos paraguaaios, recúo que seria constante em cinco anos de heroica defensiva, vencida quasi exclusivamente pelas armas brasileiras.

Cada vez mais peoravam as penosas condições da marcha, não só porque os temporais se sucediam quasi sem parar, como porque o inimigo devastara de tal modo o territorio que nem pasto se encontrava para as cavalhadas.

“Nove dias esteve o Exercito Brasileiro acampado á margem do Riachuelo ,quando em dezembro de 1865 marchou em direcção á cidade de Corrientes, tendo por objetivo o Passo da Patria, no Paraná. Nove dias levou o general Osorio em grande atividade...” (*) Chegaram-lhe reforços do Rio Grande, por

(*) “Historia do general Osorio”.

terra: a infantaria de Argolo, as cavalarias de João Manuel Mena Barreto e João Antonio da Silveira. Transportaram-se para Corrientes, pelo rio, as forças e o material de guerra do Salto e de Montevideu.

O acampamento foi mudado para a Lagôa Brava, proximo da cidade. Antes de atravessar o Riachuelo, recordando a vitória de 11 de junho, Osorio mandou pedir licença para isso ao chefe Barroso. Ele já havia declarado a Tamandaré sua convicção de que a Marinha salvára ali a causa da Aliança. Er um gesto de cavalheirismo digno da *guerre en dentelles*.

“Cincoenta e um dias esteve o Exercito Brasileiro acampado na Lagôa Brava, recebendo munições, armamentos, lévas de voluntarios que chegavam do Brasil, bisonhos, baldos de toda instrução militar. Dir-se-ia que o general Osorio organizava outro exercito!” (*) E já pensava nos meios de realizar a passagem do Paraná, afim de levar a guerra ao territorio inimigo, vingando as invasões de Corrientes, Mato Grosso e Uru-guaiana, conforme officiava em 1º de janeiro

(*) “Historia do general Osorio”.

de 1866 ao ministro Otaviano, então em Buenos Aires.

Os paraguaaios atravessavam o rio, de surpresa, uma por outra vez, afim de atacar as cavalarias corrientinas estendidas pela margem esquerda até em frente ao Passo da Pátria. Assim, em Pehuajó, surpreenderam os lanceiros e clavineiros do general Hornos. Mais tarde, em Corrales bateram e chacinaram a guarda nacional de Buenos Aires.

A chamada vanguarda do Exercito Aliado, composta pelas tropas orientais de Venancio Flôres, acrescidas da brigada de infantaria brasileira de Kelly, acampava na povoação de Itati, á margem do Paraná, distante do grosso argentino-brasileiro. Tendo Flôres ido a Montevidéu, o comando estava entregue ao general Goyo Suarez, o mêsmo que, em Paisandú, mandara fuzilar Leandro Gomez, para vingar, como confessava, *hondos agravios* pessoais. Osorio escreveu-lhe, mostrando a inconveniencia daquela posição isolada, onde o inimigo o poderia surpreender. O chefe uruguaio obstinou-se a ficar ali e o brasileiro chamou a atenção do general em chefe para o caso, escrevendo novamente a Goyo

Suarez. Mitre também interveiu. Emfim, a vanguarda oriental dirigiu-se para Enramada Paso. Mal deixava seu antigo acampamento, os paraguaio, apoiados em vapores que faziam fogo do rio, atiraram-se sobre êle, achando-o deserto. Osorio evitou desta maneira um desastre, cujas consequencias seria difficil prever.

Os aliados tinham noticia de que o ditador Lopez conservava seu exercito no acampamento do Passo da Patria, um pouco ao norte da fortaleza do Itapirú, na ponta do territorio paraguaio onde se encontram as aguas do Paraguai e do Paraná. O rio era largo e de difficil passagem, sobretudo pela falta de praticos locais. Não existia ao menos uma carta daquelas regiões semi-selvagens. Tinha-se de fazer a guerra sem elementos seguros, quasi ás apalpadelas. Osorio contava com menos de trinta mil homens para encetar as operações, enquanto que Lopez tinha, só no seu campo, 5 mil cavaleiros, 20 mil infantes e 60 canhões, apoiados nas selvas e banhados por trás dos quais outros agueridos exercitos estavam concentrados em Tuiuti e Humaitá. O mapa do Exercito Imperial na data de 1º de março de 1866 enu-

merava, além do estado-maior e serviços auxiliares, 1 batalhão de engenharia, 1 regimento de artilharia a cavalo, 2 regimentos de artilharia ligeira, 2 batalhões de artilharia a pé, 11 corpos provisórios de cavalaria da Guarda Nacional, 5 corpos de cavalaria de voluntarios, 1 esquadrão de transportes, 14 batalhões de infantaria de linha, 27 batalhões de infantaria de Voluntarios e duas companhias de Zuavos; ao todo 33.078 homens, desfalcados, porém, da brigada destacada na esquadra e da brigada adida ao Exercito Oriental, na vanguarda, que sommavam 1.575 e 2.082, respectivamente, além de 4.380 officiais e praças enfermos nos hospitais de Montevideu e Corrientes. O comando geral da artilharia era exercido pelo brigadeiro Antonio Manuel de Melo. Comandava a 1ª divisão o brigadeiro Argolo Ferrão, a 2ª o brigadeiro Soares de Andréa, a 3ª o brigadeiro Antonio de Sampaio, a 4ª o brigadeiro Guilherme Xavier de Souza, a 5ª o brigadeiro José Joaquim de Andrade Neves e a 6ª o brigadeiro José Vitorino Carneiro Monteiro.

A 11 de março, Osorio observou o Passo da Patria, a 13 foi inspecionar os depositos e o material em Corrientes. A 16 voltou as

acampamento. A 17, o almirante Tamandaré partia com a esquadra, afim de reconhecer o Paraná, indo fundear no dia 21 em frente a Corrales. Fizeram-se sondagens até o lugar Ponte de Toledo e levantou-se o esboço duma carta hidrografica. A 22, pela manhã, Osorio, Mitre, Otaviano e Flôres embarcavam no vapor *Apa*, a convite do almirante, afim de explorarem o rio e escolherem o ponto da passagem, operação ousada, difficil, arriscada sempre, sobretudo em presença do inimigo e em tão selvaticas paragens, através de grande volume de agua cortado de parceis e de baixios.

A proposito, anotando a *História da guerra do Paraguai* de Fix, Osorio escreveu com o proprio punho: "Os generais, em conselho, discutiram o ponto da passagem. O general Osorio discordou quanto á passagem no Passo da Patria, porque entendia que das trincheiras do campo inimigo á margem do rio não havia espaço que o Exercito occupasse, podendo sustentar a cavalaria e animais de artilharia e bagagem, que deviam por isso inutilizar-se antes de concluir a passagem do Exercito. Por esta opinião, o general Mitre resolveu tres explorações successivas até o

Itati, sem encontrar lugar que se prestasse convenientemente á passagem; então, o almirante Tamandaré, em conselho de generais, a bordo, e tratando-se da passagem, apresentou um *croquis* feito por um official de marinha, no qual se notava que embarcações de grande calado podiam encostar á baranca da margem esquerda do Paraguai, em frente á ilha do Cerrito, posição na confluencia dos dois rios.”

Resolveu-se por fim a mudança do acampamento brasileiro de Tala Corá para o Passo da Patria, na margem argentina. As chatas paraguaias e o forte do Itapirú de vez em quando davam tiros contra os nossos vapores e couraçados. Algumas fôram arrebetadas a bala. Uma delas conseguiu meter um projctil na casamata do *Tamandaré*, matando e ferindo grande numero de officiais e praças. Essa troca de tiros durou longos dias até ser arrazado e tomado o forte junto ao qual as chatas artilhadas se occultavam.

A 30 de março, estava todo o Exercito Brasileiro acampado sem novidade no Passo da Patria. A 5 de abril, o geenral Hornos com alguma tropa seguiu em exploração até o passo de Lenguas. A noite, Osorio man-

dou ocupar a ilha da Redenção, fronteira a Itapirú, por 900 homens, voluntarios, infantes de linha, artilheiros e sapadores, sob o comando do tenente-coronel Vilagran Cabrita. Levantam-se trincheiras e espaldões para a artilharia. A 6, pela manhã, a ilha começa a cuspir fogo e ferro na fortaleza, que lhe responde. Êsse duelo continúia com intermitencias até o dia 10. Na noite dêsse dia, de surpresa, os paraguaioes passam o rio em canôas e atacam a guarnição da ilha, que os repele, enquanto a Esquadra os metralha, causando-lhes graves perdas. Ao redigir a parte de tão glorioso combate, o tenente-coronel Vilagran Cabrita é alcançado por uma bala de canhão e morto, dentro da chata que occupava. Disparou o tiro em pessoa o coronel paraguaio Bruguez, que fôra discipulo de Cabrita, quando êste exercera a comissão de instrutor do Exercito Paraguaio, afirma o visconde de Ouro Preto.

Até o dia 15 os bombardeios prosseguem. Enfim, estavam findos os preparativos. Oso-rio dirigiu aos soldados entuziastica proclamação, louvando-lhes a serenidade, a constancia e a bravura. Quando se resolvera tentar a invasão do Paraguai pelo Passo da Patria, Mi-

tre oferecera um general argentino, o qual poderia levar comsigo um general brasileiro, Sampaio, por exemplo. Tamandaré observou que a operação deveria ser entregue aos brasileiros. Osorio obtemperou que o general em chefe poderia mandar quem quizesse, na certeza, porém, de que êle iria. Tamandaré, comovido, abraçou-o. A 14 de abril, de tarde, Mitre perguntou a Osorio se ainda estava decidido a passar o rio com a primeira força invasora e recebeu resposta afirmativa. Êle tinha o propósito deliberado de conquistar para seu país os louros da arriscada operação e ninguém o demoveria disso.

A 16 de abril, às oito horas da manhã, o general Osorio, seu estado-maior e a primeira expedição embarcavam no vapor que tinha seu nome e em outros, no posto de Corrales. “Às oito e meia puseram-se os transportes em movimento, cortando perpendicularmente o rio na direção de Itapirú, protegidos pelos 17 navios da Esquadra. Quando chegaram ao canal mais proximo á costa inimiga, na qual se achava a linha de combate da Esquadra, voltaram para oeste, desceram a toda força o rio, entraram pela primeira bôca do Paraguai, guiados por uma canho-

neira, e fundearam, ás nove horas, meia legua acima da confluencia. Haviam chegado ao ponto escolhido, fazendo a travessia em menos de uma hora. Encostaram á barranca e começou o desembarque (*).”

A’ frente de seus ajudantes e ordenanças, ao todo doze homens, o general Osorio é o primeiro brasileiro que pisa a terra do inimigo. Primeiramente, vai com dois soldados de cavalaria reconhecer o terreno, afim de dar a ordem de desembarque total. Empunha a lança que o sargento Salvador Machado lhe entregou ao desembarcar, o ferro glorioso de Sarandi, Passo do Rosario e Monte Caseros.

Adeante de estreita lingua de terra, espelhava uma lagôa e, no primeiro banhado que o caminho para o interior cruzava, os clavineiros paraguaios de Hermosa e Venegas tirotearam o piquete audacioso, que duas companhias do 2º de voluntarios apoiaram logo com suas descargas certeiras. O 2º, que o seguia mais de perto, vinha sob o comando de Deodoro da Fonseca. Depois, marchavam o 13º de infantaria, o 11º e o 26º de Volun-

(*) Historia do General Osorio.

tarios, e uma bateria a cavalo do tenente-coronel Mallet. Algumas forças paraguaias correm em auxilio dos cavalarianos. Trouvou-se renhido combate. Argolo pôs-se á testa da vanguarda e varreu-as a baioneta. “Ao cair do dia, o inimigo debandara e fugira. Terrivel aguaceiro despejava-se do céu e a soldadesca passou a noite inteira debaixo de chuva, encostada tristemente ás suas armas vitoriosas (*).”

O arrojo do general em chefe dos imperiais entuziasmou os seus comandados; tornou-o credor da admiração e respeito de seus pares nacionais, argentinos e uruguaio; fez resoarem aclamações pelo Brasil inteiro, das altas rodas officiais ás ultimas camadas do povo.

No dia immediato, 17 de abril, quando um sol brilhante começou a enxugar as roupas dos pobres soldados molhados até os ossos, uma columna das tres armas, de mais ou menos seis mil homens, comandada pelo tenente-coronel Benitez, veio atacá-los. O tiroteio durou de oito e meia ás onze e meia, quando se acabaram as munições dos brasileiros e

(*) G. Barroso — “A guerra do Lopez”.

Osorio mandou o 13° de infantaria flanquear os paraguaioes e sobre elles cair de arma branca. Toda a linha secundou esse ataque, o aço das baionetas alumando. E o inimigo retirou-se precipitadamente para seu campo entrincheirado.

A 18 de abril, desembarcavam, garantidas pela vanguarda brasileira, as tropas argentinas e orientais de Paunero e Flôres. Ocupou o forte do Itapirú o tenente-coronel Silva Paranhos com o 6° de infantaria. E o resto do Exercito Aliado passou a saltar em terra nas imediações da fortaleza arruinada, em cujo mastro flutuou primeiro a bandeira do Imperio, flutuaram depois os pavilhões da Aliança. Tamandaré trouxe Mitre até ali e este, ao desembarcar, dirigiu-se ao Centauro de braços abertos:

— General, sois um herói!

D. Pedro II, pelo grande feito, agradeceu-o com o titulo de barão do Herval.

A BATALHA DE 24 DE MAIO

O ditador Lopez abandonou o acampamento do Passo da Pátria. Osorio ocupou-o e d'êle fez a base de operações do Exercito naquêlê territorio anteriormente desconhecido. A vanguarda, ao mando de Flôres, bivacava no Estero Bellaco do Sul. O esteiro era uma corrente de agua clara e fresca, semeada de juncaes e palmeirais, que ligava a lagôa Piris ao rio Paraná. Nos lugares em que os juncos impediam a correnteza, havia atoleiros profundos. Assim, o transito pelo esteiro só era possivel nos passos, conhecidos dos paraguaeos e ignorados de nós. Além disso, êsse era tão perigoso que o apelidaram Velhaco.

Como de tudo cuidasse, segundo seu habito, e oito batalhões do Exercito Imperial fizessem parte da vanguarda, Osorio não a perdia de vista. Julgava-a desvantajosamente

colocada e, mais duma vez, em conselho de generais, manifestou o temor dum ataque de surpresa contra ela. Mitre e Flôres, porém, eram de opinião contraria. Vendo que o general em chefe não tomava a menor providencia, resolveu organizar o serviço do campo brasileiro de tal modo que não fôsse surpreendido e pudesse acudir a qualquer ponto assaltado.

Deu ordens nêsse setnido no dia 1º de maio e no seguinte aconteceu o que previa. Seis mil paraguaioes comandados pelo coronel Diaz atravessaram os passos Sidra e Piris, arrojando-se sobre brasileiros e orientais da vanguarda. Era uma hora da tarde, o sol resplandecia no céu muito azul e os nossos conduziã da margem do rio para o acampamento suas rações de bôca. As cavalarias guaranis de Valiente e Benitez carregaram a nossa bateria avançada e apoderaram-se das peças. Os infantes de Diaz e Jimenez romperam fogo sobre nossas linhas. Os canhões de Bruguez troaram. E o grosso do Exercito, ouvindo o rumor do combate e julgando que Flôres procedia a um reconhecimento anunciado, nem se movia.

A luta, entretanto, era renhida e san-

grenta. Apesar do número, os brasileiros e orientais da vanguarda, bateram-se valentemente, defendendo o terreno palmo a palmo. Flôres, de espada em punho, dava o exemplo, atirando-se ao mais acêso dos entreveros, vendo cair mortos os seus ajudantes. Osorio escutou o tiroteio no seu quartel-general, mandou selar o malacara e tocar alarma. Dentro em pouco, chegava com reforços e, topando os paraguaíes quasi vitoriosos, a saquear o acampamento, fê-los pagar caro a audacia, destruindo os que resistiram ou não puderam fugir. A unica cousa que salvaram da jornada fôram as peças da bateria brasileira da vanguarda. Mas “tudo se hubiera perdido si Osorio no acudiera a la cabeza de los cuerpos de segunda linea y restabeleciera el combate”, diz Garmendia. Recebeu uma contusão e teve o cavalo baleado. Era o último dos que trouxera do Rio Grande.

Depois da vitória, Osorio não regressou ao seu quartel-general. Ficou dormindo na vanguarda, ora num ponto, ora noutro, na ansia de avançar ao encontro do inimigo e oferecer-lhe batalha, embora seu estado de saúde não permitisse mais tais excessos. O Exercito Brasileiro estava pronto para mar-

char, porém o Argentino não estava. Forçoso foi esperar por êle. Além disso, a cavallhada estava exausta e continuamente se desmontavan corpos, que eram armados como infantes. Assim, sómente ao romper d'alva do dia 20 de maio, começou a passagem do esteiro, pelo passo Sidra, deixando-se no Passo da Patria um reduto servindo de deposito e hospital a cargo do coronel Pecegueiro e guardado por alguma força brasileira, a cavalaria uruguaia desmontada e um reforço argentino.

O Exercito rompeu paúis e atoleiros, arrostando diluvios de foguetes a Congrève, bombas, balas rasas e metralha, mas venceu os passos, os valos abertos pelo inimigo, os abatizes, e camnhiou até Tuiuti, que Lopez evacuou, refugiando-se nas selvas, por trás das formidaveis linhas de Rojas. Em Tuiuti acampámos, á espera das munições atrazadas pela falta de animais de tiro e cargueiros, com a nossa cavalaria reduzida a 600 homens mal montados. A 23 de maio, o conselho de generais decidiu forte reconhecimento no dia seguinte sobre a direita das posições inimigas. A manhã de 24 raiou serena. Não se diria que nêsse dia ia travar-se a

maior batalha campal da America do Sul. “Aos albores da manhã — escreve o general Dionisio Cerqueira, testemunha ocular — nota-se o maior silencio nas linhas inimigas. O ardil, presentira-o Osorio, havendo declarado ao general em chefe que, como muitas vezes o inimigo pensava o mèsmo que nós, ia prevenir o Exercito para estar disposto a receber o ataque a qualquer hora.”

No acampamento brasileiro houve grande distribuição de carne, alimento que ha muito tempo já faltava. Ainda não era meio dia e andava a soldadesca na faina diaria. Os raios do sol crivavam de frechas de ouro as aguas dos potreiros. Rumor e alegria. De súbito, um foguete silva e explode no espaço. E’ um sinal. E os paraguaaios que, dêside cêdo, se concentravam ocultos pelos matagais e carizais, atiram-se de chôfre sobre os Aliados, contra os flancos e contra o centro, apertando-os num circulo de ferro e fogo. José Edwiges Diaz, o mais intrepido chefe inimigo, surge na Bocaina com seis mil homens e lança-se sobre a esquerda brasileira, levando de roldão a vanguarda da 1^a divisão de infantaria. Resquin ataca a retaguarda argentina e bate a cavalaria corrientina, sómente se

detendo ante a resistencia dos infantes. Barrios, depois de sorrateiramente caminhar pelo potreiro Piris, afim de nos cortar a retirada, encontra Osorio que o destroça e afugenta pelos matos do Sauce. A cavalaria de Marcó tenta romper o centro, carregando a artilharia de Mallet, que o dizima protegida por um fôssco aberto pelo velho guerreiro por inspiração do Centauro. "Os paraguaiois investiram fortemente a ala esquerda do Exercito. Logo ao primeiro embate, separaram-na do centro, onde se achavam os uruguaiois de Flôres, assaltando, ao mêsmo tempo, em habil diversão, os argentinos que formavam a ala direita. Puseram-nos em derrota, tomando-lhes tambores e armas. Então, pretenderam atirar os brasileiros nas lamas perfidas do Estero Bel-laco. Mas, no centro, Flôres resistiu como um valente. A' esquerda, a *divisão encouraçada* de Antonio de Sampaio foi como aquêles hoplitas dos combates antigos, que, jungidos por uma cadeia de bronze, não arredavam pé do lugar, os mortos unidos aos vivos! E Osorio, reunindo aos brados, de lança em punho, temeroso, formidavel, todos quantos andavam sem núcleos e sem ordem, avançou contra o inimigo á frente duma chusma de todas as

armas, que a sua palavra e o seu exemplo transformaram em heróis, enquanto Mallet metralhava a queima-roupa os atacantes, e a brigada ligeira do general Neto e os duzentos oficiais transformados em lanceiros pelo coronel Amaro Barbosa carregavam-nos pelos flancos, furando-os a lança e cortando-os a espada (*)”.

A batalha flutúa ao sabor das contingencias do momento. Mitre não parece um general em chefe. Não dá uma ordem. Não pratica um feito que o prestigie. Nessa jornada, sua figura se apaga deante da gloria de Osorio. Êle mesmo confessa que o brasileiro ali “acreditó dotes de mando en el momento de la acción, con verdaderas inspiaciones del momento, reparando con admirable presencia de espirito los contrastes que sufrieron los de primera linea, y completando la victoria del dia con um golpe decisivo, en que él valorosamente pagó con su persona, infundiendo en los soldados un ardor, que desde entonces lo constituyó en idolo de ellos.”

A figura assombrosa do Centauro domina o panorama da batalha. Êle comanda

(*) G. Barroso — “A Guerra do Lopez”.

tudo, êle está em toda a parte. Êle salva tudo! Ora socorre Panuero, abandonado por sua cavalaria em fuga, fazendo com que possa sustentar sua posição. Ora socorre Flôres, cujos batalhões recuam, perdendo até bandeiras, e salva-o. Ora corre ao centro brasileiro, a vêr como resiste o ponto que a sua previsão estratégica fizera guarnecer com a terrível artilharia de Mallet e grita ao velho artilheiro:

— Mallet, sustenta-te! Vou agora ao flanco esquerdo onde o perigo assoma!

Ali Sampaio caíra mortalmente ferido e a divisão recuava quando o Centauro surgiu, de lança apeirada de prata em punho, o poncho flutuante como uma bandeira. Os soldados erguem vivas freneticos e avançam eletrizados, ao mesmo tempo que Argolo os ajuda, por ordem do general, com 4 batalhões. “Es entonces que Osorio se revela con todas las grandes condiciones que adornan al que impera porque un general debe, si tiene la bélica inspiración del dominio militar, conocer el corazón de sus soldados, que de ese consorcio intimo nasce la armonia del conjunto: Osorio, digo, sacando provecho tactico de la formación de sus quatro lineas, restablece el combate: acude impávido con sus reservas y

entrando el caballo en medio de aquel desorden homérico grita a sus brasilenos: *Adelante! Viva el Brasil! Adelante! Adelante!* La majestuosa serenidade de su espirito en medio de aquella mosqueteria infernal está revelada con sublime stoicismo en la patriótica frase. Su vos estentorica se oye rodar en ese ambiente de poema, como la electricidad del coraje que sacude corazones de soldados. Adelante! Adelante! y todo sucumbe al embate de esa pujante infanteria; de esa cuna formidable que taladra con estrepito el centro y la derecha del ejercito paraguayo.” O entusiasmo desta pagina de Garmendia é o mesmo dos nossos pobres soldados feridos, que se levantavam apoiados nas mãos, vendo-o passar pelo campo de peleja, a gritar

— Viva o general Osorio!

Ao cair da noite, os últimos corpos destroçados do inimigo retiram do potreiro Piris e as almas se embriagam no triunfo. Músicas e charangas tocam os hinos nacionais dos aliados. No campo de Tuiuti, como no Riachuelo, decidia-se a sorte da guerra.

Depois, foi a inação. Faltavam todos os meios de mobilidade. Em abril, agravando-se o estado de sua saúde pouco firme após a

passagem do Passo da Pátria, em que estivera dia e noite exposto á chuva, havia pedido ao Governo a nomeação dum official general para substitui-lo en seus impedimentos. A 14 de maio fôra nomeado para êsse efeito o marechal de campo Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão. Em julho, Osorio sofria tanto que quasi não podia montar a cavalo. Tinha as pernas inchadas e uma inflamação do estomago. Absolutamente não podia continuar no teatro das operações. No dia 15 dêsse mês, passava o comando ao seu substituto e a 18 retirava-se. O Exercito Imperial estava sem seu idolo. Profunda sensação — escreveu o almirante Tamandaré — desenhava-se no semblante de todos os soldados do Brasil e da Aliança. Era a bandeira da vitióra que se enrolava.

O RECONHECIMENTO DE HUMAITÁ

O Governo Imperial nomeou-o grande cruz da Ordem de Cristo pelos feitos do Estero Bellaco e Tuiuti e elle se recolheu á Provincia natal, em busca de repouso bem ganho, recebendo por toda a parte as mais altas manifestações de apreço. Caxias escreveu-lhe, confortando-o com os seus votos de boa saúde e verberando os erros politicos e militares da campanha, aos quais Osorio era alheio, sobretudo o de se ter feito na Argentina nossa base de operações, o que nela derramava o ouro brasileiro e nos forçava á “abjeção de sermos comandados por um general argentino”.

Em comunicação constante com seus amigos, parentes e camaradas do Exercito, recebia noticias dos acontecimentos da guerra e podia acompanhá-los com o interesse do seu grande patriotismo. Viu, assim, de longe,

a imobilidade a que nos condenava a inercia de Mitre e soube do desastre de Curupaiti.

Enfim, a 10 de outubro de 1866, Caxias foi nomeado comandante em chefe e a esperança renasceu em todos os corações brasileiros. Tinhamos outra vez, á nossa frente, um grande cabo de guerra. Um de seus primeiros átos foi indicar Osorio para organizar no Rio Grande do Sul o 3º Corpo do Exercito Imperial. Escreveu-lhe novamente, afirmando que era um dos amigos em quem mais confiava. “A tarefa cometida a Osorio era grandiosa, cheia de dificuldades. Êle bem o sabia, porém jamais vacilou deante de quaisquer sacrificios por servir á patria, que extremecia (*).”

Dominando os sofrimentos fisicos, começou a organizar um novo exercito. Tirou-o do nada, de menos do que havia tirado o primeiro, no Uruguai e em Corrientes. Apelou para os proprios adversarios politicos, despertou a nobre ambição da gloria, venceu as campanhas da imprensa, aplainou todos os óbices do desalento, da intriga, da inercia e da inveja e, enfim, com a nomeação do dr.

(*) “Historia do general Osorio”.

Homem de Melo para presidente do Rio Grande, que lhe deu todo o apoio necessario, conseguir levar a cabo sua ingente tarefa, mobilizando corpos provisorios da Guarda Nacional gaúcha.

Ainda sem poder montar a cavalo, andando de carro, as pernas feridas, estabeleceu em principios de março de 1867 seu quartel-general em Capivari, de onde passou para o passo do Silvestre .A esquadilha do Uruguai estava pronta para efetuar o transbordo de suas forças. Nos primeiros dias de abril, marchava pelo territorio de Corrientes. A 13, Caxias expunha-lhe em carta seu plano de operações, a marcha de flanco que contornaria as fortificações do Quadrilatero paraguaio, e pedia sua opinião. Nêsse momento, Mitre, ausente do Exercito, subjugava a revolução de Mendoza. Os brasileiros podiam agir livremente. Osorio trazia um reforço, obtido á custa das maiores cancelas, de 4.338 homens. Dias mais tarde, êsse efetivo se elevava a 5.242. E a 1º de junho de 1867, o Centauro era promovido a tenente-general, o segundo posto militar da monarquia.

“Incorporado ao Exercito o 3º Corpo Brasileiro de Osorio, o marquês de Caxias,

com êsses reforços, estava habilitado a realizar a famosa marcha de flanco, consistindo em ameaçar a esquerda do inimigo e aproximar-se de Humaitá, para lhe cortar os recursos do interior, forçando-o, assim, a uma batalha decisiva (*).” O Centauro, que o inglês Burton dizia ser “o unico general universalmente estimado e respeitado pelos argentinos, tanto quanto pelos brasileiros”, dava grande prova de patriotismo e disciplina, submetendo-se ao comando de outro general, embora mais velho e coberto de gloria, depois de ter sido o comandante em chefe naquella mesma campanha.

Caxias iniciou a marcha a 22 de julho, vanguardeado por Osorio, que foi desbaratando as forças paraguaiaias que encontrava. E, apesar dos extravios e demoras dos argentinos assinalados no officio reservado do comando em chefe ao ministro da Guerra (11 de setembro de 1867), atingiu Tuiu-Cuê, onde acampou. Por êsse tempo, de regresso, Mitre chegava a Tuiuti. A inação ia recommençar.

Feriram-se varios combates de van-

(*) “Historia do general Osorio”.

guarda, sobretudo de cavalaria, entre os quais o mais importante foi o de Tatagibá. Porém não houve nenhuma ação decisiva que modificasse o lento curso das operações. Porto Alegre repeliu em Tuiuti, onde ficára com os serviços de retaguarda, uma surpresa paraguaia, conquistando sua derradeira corôa de louros.

Em janeiro de 1868, Mitre retirou-se definitivamente para Buenos Aires e Caxias assumiu de vez o comando em chefe. Ia-se processar nova fase de atividade guerreira, sagrada pelos mais belos triunfos. Porto Alegre, enfermo, retira-se também, sendo substituído por Argolo. Em fevereiro, reconhecem-se as baterias de Humaitá e o reduto Cierva ou do Estabelecimento; a Esquadra força a passagem de Curupaiti e a de Humaitá, toma-se o Estabelecimento e chega a triste noticia do assassinio de Flôres em Montevideu; tres couraçados sobem até Assunção e a séde do governo paraguaio é transferida para Luque. Em março, Lopez abandona a sua Sebastopol e vai, pelo Chaco, acampar em S. Fernando, fortificando a linha do Piquiriri; reconhece-se o Espinillo e o Angulo, Curupaiti é evacuado e nos apossamos do

Quadrilatero. Em abril, continuam os pequenos combates em todos os pontos. Em maio, Osorio completa sessenta anos em plena atividade guerreira e é feito visconde; occupa-se militarmente o Chaco e completa-se o cêrco de Humaitá, onde se concentram as forças paraguaias que não acompanharam o ditador. Em junho, o Governo Imperial nomêa o Centauro dos Pampas gran-cruz da Ordem de S. Bento de Aviz.

Tendo o marquês de Caxias noticias de que, na madrugada de 16 de julho, muitas canôas cheias de gente passavam de Humaitá para o Chaco, resolveu fazer um reconhecimento a viva força sobre as trincheiras da fortaleza e assaltá-la, se possivel, antes da fuga da guarnição. Para isso, ordenou a Osorio que efetuasse com o 3º Corpo do Exército a operação, mandando coadjuvá-lo os argentinos de Gelly y Obes e os orientais de Henrique Castro. Ao mêsmo tempo, Argolo deveria avançar pelo norte e a brigada de Fernando Machado, protegida pela Esquadra, dar desembarque pelo rio, no caso do ataque ser resolvido.

Ao amanhecer, o Centauro pôs em movimento suas forças, vanguardeado pela ca-

valaria do tenente-coronel Chananeco, o qual surpreendeu um piquete inimigo e com o tiro de seus clavineiros fez calar uma bôca de fogo de grosso calibre. A fusilaria e a metralha paraguaia fizeram, porém, recuar êsses bravos. Osorio chegou nêsse momento e fez o 13º e o 4º batalhões carregarem, enquanto os sapadores preparavam escadas e pranchões para o assalto. Correram reforços do interior da praça e cobriram os atacantes com uma chuva de balas. Na sua parte ao comandante em chefe, êle proprio descreveu assim a temeraria operação em que expôs a vida, combatendo como um simples soldado: “Projetis de toda a especie varriam nossas fileiras e, sem embargo, muitos dos nossos oficiais e praças chegaram a transpôr o primeiro fósso, donde fusilavam as artilharias inimigas. Chegadas tres carretas com o material de assalto sobre a nossa esquerda, mandei que a tropa o tomasse, porém aquella parte da linha estava, com poucas excepções, morta ou ferida, assim como o meu estado-maior, ordenanças e piquete; mandei avançar, então, o batalhão 39º em proteção da linha, tendo antes participado a V. Ex. o que se passava e que tinha perdido mais de metade da força

atacante daquêles quatro batalhões sem ter conseguido penetrar os primeiros obstaculos, e que o inimigo aumentava sua resistencia, não tendo saído a guarnição da praça, como se dizia. Nêsse momento, V. Ex. me fazia saber que obrasse segundo entendêsse e em pouco mais recebia ordem de V. Ex. de retirar em ordem. O batalhão 39º, que havia marchado em proteção do 4º, 13º e engenheiros, poucos minutos depois de haver chegado ao primeiro fôssos, tinha fóra de combate o comandante, o fiscal e 127 oficiais e praças. A nossa artilharia que, por falta de posição conveniente, formou em batalha em mau terreno, e, dominada pela metralha inimiga, tinha sofrido algumas perdas e era de pouco auxilio para o ataque, foi a primeira que mandei retirar para a coluna de reserva; mandando depois tambem retirar a força que sustentava o fogo na trincheira, protegida pelo batalhão 51, estendido em atiradores. O primeiro fôssos inimigo computei em 12 palmos de largura e igual senão maior profundidade, seguindo-se-lhe uma larga linha de abatizes e depois a trincheira principal, que ainda tem pela frente bôcas de lobo, segundo dizem os vaqueanos. A guarnição da trin-

cheira mostrava as cabeças sómente, e o seu nutrido fogo de fusilaria cruzava-se com a metralha das faces do angulo sobre nossas tropas. O terreno a percorrer até áquêle ponto tem diversas lagôas e pantanos pelos flancos, e do angulo para a direita e esquerda tem um pequeno espaço sêco, cortado por alguns valos velhos. As lagôas não são profundas, alcançando a agua a barriga dos cavalos. As partes dos comandantes das divisões, brigadas e corpos que junto remeto, e com as quais me conformo, instruirão a V. Ex. das occurrencias havidas em cada uma dessas unidades, bem como dos nomes dos officiaes e praças, cujos feitos são dignos de honrosa menção.”

Contra argentinos e uruguaaios que se immobilizaram, nada. Sobre êle nenhuma palavra. E praticara os maiores feitos do dia. Na contra escarpa do fôssco cai-lhe morto o cavallo. Debaixo dum chuveiro de balas, um soldado aproxima-se e diz-lhe:

— General, retire-se! Póde ser ferido!

— Não te aflijas, camarada, responde, sorrindo, as balas não fazem caso de mim.

Perto dêle, tomba um soldado que fizera pontaria nos paraguaaios e a arma não dera

fogo. Abaixa-se e apanha-a, verificando que o infeliz não retirara a capsula que impedia a explosão. Arma-a, leva á cara e abate um dos atiradores inimigos.

A retirada se fez em ordem e a passo curto. Em ordem do dia, Caxias teceu a Osorio "os maiores elogios por haver executado satisfatoriamente o reconhecimento, dando, como sempre, admiravel exemplo aos seus comandados do mais decidido valor, sangue frio e abnegação." E, no *Diario do Exercito*, salientou sua calma e bravura, "que o distinguem e tanto entusiasmo communicam ás forças sob seu comando no ardor dos combates."

No dia 25 de julho, forças brasileiras entravam em Humaitá evacuada; e os restos de sua guarnição, que se haviam entrincheirado na península de Acauanguassú, no Chaco, rendiam-se pela fome em 5 de agosto.

O FERIMENTO DE AVAÍ

A 19 de agosto de 1868, o 1º e o 3º corpos do Exercito Imperial moveram-se de Parê-Cué para o Tebiquari, desbaratando uma partida inimiga no arroio Jacaré, que transpôs. Marcha penosa sob chuvas constantes. A vanguarda, comandada pelo barão do Triunfo, toma um reduto no passo real do Tebiquari, onde morre denodadamente o major Joaquim Pantaleão Teles de Queiroz, que comandára o piquete de Osorio na gloriosa jornada do Passo da Pátria. Depois dum combate em Surubi-hi, o Exercito acampa em Palmas, deante das novas linhas de defesa de Lopez, no Piquisiri, a 23 de setembro.

No dia 13 de outubro, o 2º Corpo, commandado por Argolo, deixava Humaitá sob a guarda de 1.500 homens e desembarcava em Santa Teresa, no Chaco, afim de abrir uma estrada strategica que permitisse pas-

sar além de Angostura, contornando pela outra margem do rio as novas posições do inimigo. Era outra marcha de flanco que o genio de Caxias projetava, afim de vencer a resistencia paraguaia. A 24 do mesmo mês, o engenheiro Jourdan communicava-se com os nossos couraçados, que haviam forçado a passagem de Angostura, na bôca do rio Negro, depois de ter feito quasi onze quilometros de picadas através de palmeirais, selvas e pântanos.

Em novembro, o Exercito passava da margem direita do Paraguai para a esquerda e punha-se em marcha, apesar das dificuldades de mantimentos e transporte, estivando leguas de banhados para conduzir a impedimenta e a artilharia, tornando a atravessar o rio em Santo Antonio, onde desembarcou na data de 5 de dezembro.

Lopez ia ser atacado pela retaguarda sómente pelos brasileiros, pois os argentinos, convidados pelo general em chefe, se haviam esquivado sob o pretexto de estarem com seus efetivos reduzidos por efeito do retorno de tropas destinadas a dominar as revoluções de suas irrequietas provincias. Ficaram, assim, em Palmas, de guarda ao Piquisiri.

Na manhã de 6, começou o Exercito a desfilar rumo de Villeta. Eram 17 mil homens aguerridos por quatro anos de campanha contra um inimigo obstinado e comandado por verdadeiros herois. Nas imediações da ponte do arroio Itororó, a cavalaria da vanguarda foi recebida a tiros por uma força paraguaia entrincheirada na outra margem. Caxias ordenou á 5ª brigada de Fernando Machado que entretivesse o inimigo, enquanto o 2º Corpo guiado por Argolo avançava em seu apoio, e ao 3º Corpo, de Osorio, que, fazendo uma volta de tres leguas, ganhasse a retaguarda, contornando a posição. Elle proprio, com o 1º Corpo, do commando de Machado Bittencourt, ficava na retaguarda, pronto a entrar em ação. O ataque devia ser feito logo que se pressentissem os movimentos de Osorio do outro lado. Todavia, como êste demorasse devido a ter-se enganado o vaqueano que o guiava quanto á verdadeira distancia do caminho e a outros impecilios imprevistos, e como os tiros de elevação da artilharia paraguaia, assentada numa elevação além da ponte incomodassem o grosso das forças imperiais adensado na altura da outra margem, Caxias impacientou-

se e mandou que Fernando Machado se apoderasse da posição.

A ponte, da largura de tres metros, vadeava o arroio torrentoso que espumava entre altas ribanceiras de pedra. O 1º de infantaria marcha para ela a passo de carga, mas vacila sob a saraivada de metralha. Fernando Machado põe-se á sua frente e o incita, caindo mortalmente ferido. O batalhão corre furioso contra os dois canhões inimigos que varrem a ponte e apunhala a baioneta os artilheiros sobre os reparos. Descobre-se aí a infantaria paraguaia emboscada nos accidentes do terreno e fusila-o de todos os lados, enquanto dez peças de artilharia vomitam projectis de varios pontos, cruzando fogos, e a cavalaria carrega até a margem alcantilada do córrego. Toda a brigada que seguira o 1º batalhão vê-se em posição difficil. Alguns corpos formam em quadrado. Outros são postos em completa desordem. A cavalaria brasileira não os póde quasi socorrer pelo acanhado espaço que lhe impede os movimentos. Entretanto, o 6º corpo provisório, sob o comando do valente Niederauer, carrega e toma a lança quatro peças. Entram em linha, destemidos, fazendo cerradas descargas, o 26º de Voluntarios do

Ceará e o 51º. E' horrivel a mortandade. As aguas tingem-se de sangue. Uma gritaria indescritivel. Os generais Argolo e Hilario Gurjão, de espada desembainhada, cáem feridos e o segundo succumbe. Seis vezes avançamos sobre o estrado da ponte maldita e seis vezes recuamos até que o marquês de Caxias traz em pessoa o 1º Corpo do Exercito. De espada na mão, atira o cavalo para a frente, gritando:

— Siga-me quem fôr brasileiro!

Então, ao aspeto daquêle ancião encanecido nos combates, um fremito percorre as linhas de cavaleiros e infantes. Todos precipitam-se sobre a ponte, atravessam-na e carregam a posição inimiga. Os paraguaaios retiraram-se desordenadamente pela estrada de Villeta, deixando seis bôcas de fogo em nosso poder. “Osorio, que fizera penosa marcha e batera uma força inimiga que pretendera hostilizá-lo, chega depois do combate e auxilia ainda a perseguição dos derrotados, que são levados até outro arroio (*).”

O 3º Corpo tomou logo a frente do Exercito e passou a fazer a vanguarda até que se

(*) Jourdan — “Historia da Guerra do Paraguai”.

cobriu de gloria no dia 11 de dezembro. Na manhã dêsse dia, sob um tempo carregado, as avançadas de Osorio deram o sinal do inimigo. Ao centro do vale cortado pelo arroio Avaí e limitado por duas grandes elevações de terreno, estava o general Bernardino Caballero, á frente de 5 mil homens escolhidos, fina flôr do Exercito lopista que pretendia tolher o nosso avanço. Na encosta duma colina, dez peças em bateria. Em linha de batalha, a cavalaria e a infantaria mais atrás, Osorio teria que atravessar o riacho transformado em rio torrencioso pelas chuvas da estação e avançar debaixo de fogo, galgando o declive para se apoderar da artilharia.

Mandou um ajudante de ordens a Caxias, que vinha na retaguarda, a meia legua de distancia, comunicar o que havia e recebeu ordem de atacar. Imediatamente resolveu o envolvimento dos paraguaioes, determinando a Andrade Neves que, com as cavalarias de Vasco Alves e Niederauer, atacasse por um flanco, e a José Luiz e João Manuel Mena Barreto que atacassem pelo outro. Assestou quatro canhões contra a linha inimiga e, sob o chuveiro torrencial que desabava do céu es-

curo, avançou contra o centro, brandindo a lança e bradando:

—Avante, leões!

Clarins e cornetas tocam o sinal de avançar. As cavalaria galopam pela terra ensopada e as infantarias carregam a baioneta, uivando os soldados como feras. Sob o fogo, repelindo as fileiras rubras dos paraguaaios, os nossos batalhões atravessam o córrego, ao tempo que Andrade Neves golpêa a ala direita adversa. Osorio vai a cavalo entre o 36º de Floriano Peixoto e o 44º de Cunha Junior, o olhar afusilando no rosto leonino. De repente, metralhada, a sua montaria tomba. Ele ergue-se e monta outro animal. “Toda a infantaria inimiga pusera joelho em terra e preparava-se para receber o choque. Momento supremo!... A metralha dizimava nossas fileiras, a cavalaria, de lança em riste, acometia nossos flancos. Cavalaria, infantaria e artilharia paraguaaias, rugindo, bramando, queriam devorar os dois batalhões, mas nenhuma lança, nem baioneta, nem metralha podem deter a impetuosidade da carga. Quando era inevitavel o choque, a infantaria paraguaia levantou-se e retrocedeu. A guar-

nição das peças seguiu o movimento: começava a retirada (*).”

Estava rompido o centro de Caballero e decidida a vitória. As cavalarias desbaratavam os flancos isolados. E todo o Exercito paraguaio envolvido sofria a mais terrível das derrotas. Nêsse momento, uma bala de fusil atravessa o rosto de Osorio, partindo-lhe o maxilar inferior esquerdo. Êle apêa-se, banha a face num regato e envolve o rosto no poncho, afim de esconder aos soldados o ferimento. Dá ordem para que o seu pequeno carro de campanha, vasio, passe pelo campo seguido da escolta, de maneira que se pense que vai dentro. E retira-se, porque a hemorragia não cessa, dizendo ainda:

— Carreguem, camaradas Acabem com êsse resto!...

O ferimento era grave. Não se sabia se era mortal. Ciente de tão triste noticia, Caxias adeantou-se á frente das reservas e assumiu o comando. Camara e Andrade Neves lanceavam os derradeiros quadrados do inimigo, que perdera 3.500 homens e deixara

(*) J. A. Montenegro — “Album de la guerra del Paraguay”.

em nossas mãos 1.400 prisioneiros, 18 canhões, 11 bandeiras e grande cópia de armamento. Caballero salvára-se milagrosamente, “con un ayudante”.

O tiro que feriu o Centauro dos Pampas foi disparado por um fugitivo paraguaio oculto no arvoredor com um grupo de companheiros. Osorio sofreu os primeiros curativos na propria barraca. Depois, voltou ao Rio Grande para sujeitar-se a tratamento mais serio.

A 26 de dezembro recebia a gran-cruz da Ordem do Cruzeiro. E, quando chegou á terra natal, o Imperador mandou-lhe um convite para ir tratar-se no Rio de Janeiro ou na Europa. Encanecido, alquebrado, trazia aberto o terrivel ferimento que o não deixava comer e mal lhe permitia falar. Entretanto, recusou o oferecimento, porque precisava atender a seus negocios particulares, afim de pagar o que devia e melhorar as condições financeiras de sua familia. Todas as camaram municipais se congratularam com êle e de toda parte recebeu calorosas manifestações de simpatia. Caxias, que entrara triunfalmente em Assunção, depois da disputada vitoria de Lomas Valentinas, deixando

Lopez com um pugilo de homens embrenhado nos sertões do Paraguai, e que regressára doente á Côrte, escrevia-lhe, comunicando-lhe que o Governo concedera uma pensão á viuva do seu amigo barão do Triunfo, morto em consequencia do ferimento recebido no ataque das mesetas das Lomas.

O ferimento fá-lo-ia sofrer por muito tempo. De quando a quando sobrevinham novas inflamações que lhe faziam perder dentes e extrair esquirolas do ôsso despedaçado pelo projctil. Essas reliquias de seu corpo, carinhosamente conservadas por sua familia, figuram actualmente num mostruario de cristal na Sala Osorio, no Museu Historico.

A GARANTIA DA VITÓRIA

Em Assunção, na perspectiva da continuação da luta, o Exercito ansiava pela sua volta. Sob o comando interino do general Guilherme Xavier de Souza, velho e enfermo, estava desalentado, apesar de todas as vitórias obtidas. Porque parecia sobrehumana e infundavel a resistencia do povo paraguaio fanatizado pelo seu tirano, o qual organizava novo exercito, decidido a lutar até o último homem. E o conselheiro Paranhos procurava crear um novo governo no Paraguai exausto e ensanguentado.

O Exercito ansiava pela sua volta, porque, como escrevia Manuel José de Oliveira, êle era o *amado*; como escrevia Anfrísio Fialho, êle significava — movimento, triunfo, esperança de tornar a ver a patria; porque êle era, no consenso geral, a garantia da victoria.

A 22 de março de 1869, o marechal Gastão d'Orleans, conde d'Eu, recebia a nomeação de comandante em chefe das nossas forças e escrevia ao Centauro ferido, pedindo o seu auxilio: "A espada que, primeiro que todas e cercada apenas de diminuta escolta, resplandeceu vencedora no continente paraguaio, será a melhor garantia de gloriosa terminação da luta em que se acha empenhada a nação. Sei que, não obstante o ferimento que tão justo direito lhe dava a descansar, coroado das bençams do país inteiro, V. Ex. sempre manifestou a intenção de em breve voltar áquêle teatro de suas glórias e aí permanecer enquanto não fôsse conseguido o fim que ao Brasil pôs as armas na mão. Estas linhas teem, pois, apenas por objeto exprimir-lhe a esperança de que a minha nomeação não o fará mudar tão patriótica resolução, e que me não recusará seus autorizados conselhos e tão importante cooperação. Conheço sua inexcedível dedicação ao serviço do país. A ela faço apêlo, e nela confiado conto firmemente que, dentro de poucas semanas, ser-me-á dada a imensa satisfação de, lá nos campos paraguaios, estreitar pessoalmente relações com V. Ex."

A religião de Osorio era servir á patria. Embora seu estado de saúde e sua idade, êle não poderia recusar-se a um convite de tal ordem. Pediu condução e medico. E foi. A 17 de abril publicava-se em Luque a sua nomeação de comandante do 1º Corpo. O Exército delirava! Caxias lembrava-lhe que era pai de familia e que seu melindroso estado não lhe permitiria suportar as durezas da guerra. “Estou-lhe falando com o coração e não com a cabeça”, acrescentava o velho chefe. Outros deram-lhe o mesmo conselho. Entretanto, no dia 20 chegava a Buenos Aires, onde tres dias depois lhe ofereciam grande banquete e o saúdava o ministro Paranhos. Sarmiento, presidente da República, que o presidia, levantava-se e pronunciava, além de outras, estas memoraveis palavras: “Si reyes y emperadores pueden condecorar a este heroe con titulos y distinciones, yo, como el representante del pueblo Argentino, le doy el unico titulo que está á nuestra disposición, la unica senal de distinción que la Nación puede conferir: *le ofrezco la ciudadanía de la Republica Argentina!*”

A 6 de junho, assumia em Pirajú o commando do 1º Corpo. O conde d’Eu foi re-

cebê-lo á estação. Os soldados rodeavam-no, vivendo-o freneticamente, agarrados ás rédeas do seu cavalo.

Embora continuasse enfermo, não parava a sua actividade e tomava parte nas conferencias de generais, discutindo e aventando planos de campanha.

As operações contra Lopez reencetaram-se no dia 1º de agosto. Iniciou-as o corpo do seu commando, no sentido de flanquear o inimigo. “No dia 3, arruinou-se a saúde de Osorio pela marcha da noite; teve o general um accidente tão forte que perdeu o pulso e esteve sem sentidos por alguns minutos; tornando a si, deram-lhe um pouco de vinho e continuou a marcha. No dia 5, forçou a trincheira de Sapucaí. No dia 7, a Cordilheira, por Valenzuela, onde sobreveiu a Osorio uma erisipela na perna e extraordinaria inflamação no rosto, cujo abcesso o dr. Oliveira rompeu, mas sem resultado quanto a melhoras (*).” Todavia, na noite de 10 recebia do commando em chefe, que se achava em frente de Peribebuí, communicação de que no dia seguinte, ao raiar a manhã, seria atacada a

(*) “Historia do General Osorio”

praça, devendo êle ocupar uma coxilha, onde assestaria sua artilharia. Devido á aproximação de grande força inimiga, assinalada pelo coronel Oliveira Bueno, o assalto á nova capital de Lopez ficou transferido para 12.

Nessa data, o Exercito Imperial avançou contra a praça. Tempo encoberto por densa neblina que só o sol muito forte pôde romper. Violento bombardeio a que o inimigo respondeu frouxamente. As colunas de ataque formaram-se: Osorio á esquerda, o conde d'Eu á direita e o marechal Vitorino ao centro. Depois de duas horas e meia, calou-se a artilharia e a infantaria avançou, levando á frente carros cheios de alfafa para encher os fósos. Galgaram os soldados as trincheiras sob a fusilaria terrivel dos paraguaios. A' direita, o alferes do 23º de Voluntarios, Gaspar Ribeiro, fincou na estacada a bandeira do Imperio, caindo com cinco ferimentos. Uma bala matou o heroico brigadeiro João Manuel Mena Barreto. Debaixo do fogo, o marechal Gastão d'Orleans portou-se como um veterano, tendo o poncho varado pelos projetis. Os atiradores de Tiburcio avançavam pelo centro. E Osorio, pondo com as proprias mãos pranchões sobre o fôso, in-

cutia o destemor aos soldados do 1º Corpo, que fôram os primeiros a penetrar na praça. “O inimigo ficou todo morto ou prisioneiro”, registra laconicamente o *Diario do Exercito*.

Na tomada dessa terceira capital de Lopez, por felicidade o Centauro não foi morto. De Assunção, mais tarde, êle contava em carta á esposa: “Tive ainda uma fortuna nesta ocasião e foi que uma peça de artilharia que me ficava em frente só deu um tiro, negando fogo duas vezes até ser morto o sargento chefe da peça que teimava em fazê-la disparar sobre mim.”

Lopez escapou mais uma vez. O Exercito perseguiu-o. Na marcha, aumentaram de tal sorte os padecimentos de Osorio que não pôde conservar-se a cavalo e pediu permissão ao conde d’Eu para recolher-se ao Brasil. O comandante em chefe procurou adiar a resposta ao pedido. Osorio não podia mesmo mais e teve de retirar-se. Assim mesmo só lhe foi dada licença de ir tratar-se em Assunção. Era necessario que estivesse perto para dar seus conselhos. Substituiu-o o brigadeiro José Luiz Mena Barreto.

Na capital paraguaia, esteve em tratamento até que a 16 de setembro resolvia tor-

nar a entrar em fogo, como escrevia á esposa: “Estou melhor de saúde. Remeto um florete que é a memoria do assalto de Peribebuí. Já não fazia tenção de continuar na campanha, porem o Principe veio pedir-me para o acompanhar e hoje voltou aqui a fazer-me segundo pedido. Não tenho remedio senão continuar um pouco mais.”

O Centauro tinha uma tempera de aço. Reassumiu o comando do 1º Corpo a 26 de setembro, na vila do Rosario. Seus sofrimentos, todavia, de tal modo se agravaram que a 23 de novembro lhe foi permitido o regresso ao Rio Grande. O conde exaltou-o em ordem do dia. A 1º de dezembro, deixou Assunção a bordo do transporte *Alice*, a 9 chegou a Montevideo e a 14 teve ali a triste noticia da morte, em 4 de novembro, na cidade de Pelotas, da viscondessa do Herval, que não resistira aos desasocegos de seu espirito nos últimos tempos. “Deus quis — reza singelamente a *História* escrita pelos seus descendentes — com êsse falecimento, que os sofrimentos de Osorio na última fase da guerra não fôsem só fisicos; feriu-o moralmente, arrancando-lhe a mulher-modelo, que fazia

sua gloria domestica, como escrevia mais tarde a um amigo . . . ”

A 1º de março de 1870, Lopez foi, em fim, alcançado e morto como um lobo no monte, á margem do Aquidaban. Estava finda a longa e cruenta guerra provocada pelo tirano, á qual o Centauro dos Pampas dera, na opinião do brigadeiro Conrado Maria da Silva Bittencourt, *o maior concurso*, na qual fôra sempre pelo seu heroismo e dotes de comando a garantia da vitória.

Em 14 de abril dêsse ano recebia a Medalha de Merito; em 11 de maio, a Camara dos Deputados consignava-lhe em ata um voto de louvor por unanimidade; em 20 de julho, davam-lhe a Medalha da Campanha do Estado Oriental; em 6 de agosto, a Medalha Geral da Campanha do Paraguai. com o passador n. 4; em 24 de setembro, o visconde do Rio Branco, presidente do Conselho, oferecia-lhe uma viagem á Europa para tratamento de sua saúde, que não aceitava; e em 6 de agosto de 1871, no meio de imponentes festas, em Porto Alegre, lhe era entregue pelo coronel Deodoro da Fonseca uma artistica espada de ouro cinzelado oferecida pelo Exercito.

A ETERNIDADE E A GLORIA

Verdadeira apoteose sua chegada ao Rio de Janeiro a 28 de abril de 1877, quando veio tomar posse da cadeira de Senador do Imperio pela Provincia do Rio Grande do Sul, eleito pelo alto presitigio de seu nome e escolhido na lista triplice pela Princeza Imperial Regente. O povo desatrelou os cavalos do carro e puxou-o pelas ruas entre ovações e chuvas de flôres. Por toda a parte, velhos soldados com os peitos recamados de condecorações o aclamavam como nos dias das batalhas passadas. A cada passo, parava a multidão e falava um orador. As músicas tocavam marchas militares e o então marquês do Herval sorria contente por entre a barba grisalha que lhe emoldurava o rosto leonino, escondendo a funda cicatriz do glorioso ferimento de Avaí.

A 27 de junho, o Governo Imperial con-

cedia-lhe a patente de marechal do Exercito graduado. O efetivo era o duque de Caxias.

Senador, discute o problema das estradas de ferro estrategicas nas fronteiras sulinas, o alcance politico e economico das escolas para orfãos e desvalidos, e as questões orçamentarias e militares. Vai ao Recife, onde o queriam mandar otróra por perseguição politica, de bom grado, visitar os filhos que ali cursavam a historica Faculdade de Direito, e recebe em Pernambuco e na Baía as mais ardentes manifestações de entuziasmo. Rui Barbosa saúda-o pelo Partido Liberal, chamando-o “imagem viva do civismo democratico”.

Quando seu olhar se volta para seu passado guerreiro, acordam-lhe reminiscencias vivas, como esta que narrava ao conselheiro Dantas e a Marcolino Moura: “Um dia, precisei dum official para uma empresa arriscada que lhe daria seguramente a morte. Dominava meu espirito certo pesar por ter de escolher o homem para essa empresa. Em conversa, fiz públicos perante alguns officiais êsses meus sentimentos e, ao recolher-me á barraca, tarde da noite, veio ter comigo um dêles, já velho, mas forte, robusto, e, saú-

dando-me, disse-me: — General, sei que V. Ex. procura um official para empresa arriscada; venho pedir a V. Ex. para me designar e transmitir-me suas ordens. — Ao que lhe respondi: — E' verdade, mas sabe o que exige de mim? E 'a propria morte! — Elle retorquiu: — Embora! suplico essa graça a V. Ex. — No dia seguinte, empenha-se a ação. O combate era dos mais mortiferos. Eu estava bem perto e vejo vir a mim, cambaleando, ferido pela metralha e já moribundo, o official que havia designado, um capitão baiano de nome Seixas. Ao aproximar-se, apoiando-se na espada para não cair, falou-me assim: — General, para onde vou agora não sei... só sei que fui até onde me mandou!... Ao concluir essas palavras, o pobre official encosta-se a uma arvore e expira. Tenho sempre viva na memoria a figura dêsse bravo!"

E os olhos do Centauro marejavam-se de lagrimas. De outras vezes, era o seu bom espirito que esfusiava nos salões. A' uma senhora que, ironicamente, lhe perguntava se dansava lanceiros, dava-lhe o braço e replicava:

— Como não, se comandeï um regimento dêles!....

Com a ascensão dos liberais ao poder em janeiro de 1878 e a constituição do gabinete Sinimbú, teve Osorio a pasta da Guerra. De sua atuação nêsse departamento governamental, disse o grande visconde de Ouro Preto: “Dotou-o a natureza da musculatura intelectual dos estadistas.” Reorganizou a Intendencia e os arsenais. Regulamentou o arquivo. Estabeleceu o tiro civil. Reformou o laboratorio pirotecnico. Regulou as matriculas da Escola Militar. Melhorou a defesa da fronteira do Sul e a mobilidade dos corpos de cavalaria. Reformou o serviço de transportes. Uniformizou a munição de infantaria. Simplificou a ordenança dos toques de corneta e o equipamento das praças. Creou a Colonia Militar do Alto Uruguai. Inventou uma pistola calcada no sistema Winchester para os lanceiros. Reorganizou o Corpo de Saude. Construiu quartéis e linhas telegraficas.

Nos despachos com o soberano, tinha o seu *franc parler*, qual um herói antigo. Como um dos membros do ministerio — narra Múcio Teixeira — sempre que se tinha de

resolver assuntos decisivos ou de emitir opinião categorica achasse meios de deixar a sala, regressando quando desaparecida a dificuldade, êle disse ao Imperador, que o olhava de soslaio:

— Na Guerra do Paraguai, tive uma bêsta tão esperta disparava sempre que ouvia tocar a ensilhar...

Outras vezes, se D. Pedro II dava um coxilo, deixava cair a espada para acordá-lo...

A 26 de setembro de 1879, Osorio adoeceu com uma pneumonia aguda. O mal agravou-se rapidamente. O dr. Flôres visitando-o, perguntou-lhe:

— Como vai, marquês?

Sorriu e respondeu:

— Aguas abaixo... para a eternidade.

Nos últimos momentos, a 4 de setembro, acendeu um charuto. Sentindo a aproximação da agonia, atirou-o fóra. Chamou pelo filho Adolfo, ausente em São Paulo. Despediu-se da familia. Ao filho mais velho, Fernando, disse:

— Morro e perdôo as ingratidões!

Depois, lentamente, a espaços:

— Tranquilo... Independente... Patria... Sacrificio... ultimo infelizmente.

Fez com estas palavras o resumo de sua grande vida: coragem tranquila, independencia sem orgulho, a patria acima de tudo e a constancia no sacrificio. Expirou ás 6 horas e dez minutos da tarde, juntamente com o dia que se acabava. "Tinha 71 anos de idade, 56 dos quais consagrados, sem descanso, á gloria do Brasil".

Sobre o seu corpo embalsamado, o povo perpetuou no bronze o seu vulto heróico, de espada em punho, o olhar fito nos inimigos ameaçadores, como um grande simbolo de nossa história militar. Na memoria da Patria Brasileira, a sua gloria será eterna.

— FIM —

INDEX

	Pags.
I Do batismo de agua ao batismo de fogo...	7
II A lança de Bento Manuel.....	23
III O crepúsculo de Ituzaingó.....	33
IV Paz, amor e poesia.....	43
V A fronteira.....	50
VI A revolução dos Farrapos.....	63
VII A pacificação das coxilhas.....	77
VIII A California do Chico Pedro.....	87
IX A carga de Montecaseros.....	95
X O Homem de S. Cristovam.....	105
XI A guerra do Flôres.....	121
XII O passo da Patria.....	135
XIII A batalha de 24 de maio.....	153
XIV O reconhecimento de Humaitá.....	163
XV O ferimento de Avaí.....	173
XVI A garantia da vitória.....	183
XVII A eternidade e a glória.....	191

*Aos 12 de Janeiro de 1933 acabou-se de
imprimir esta obra, na Typographia de*
CRUZ, MASSONI & CIA.